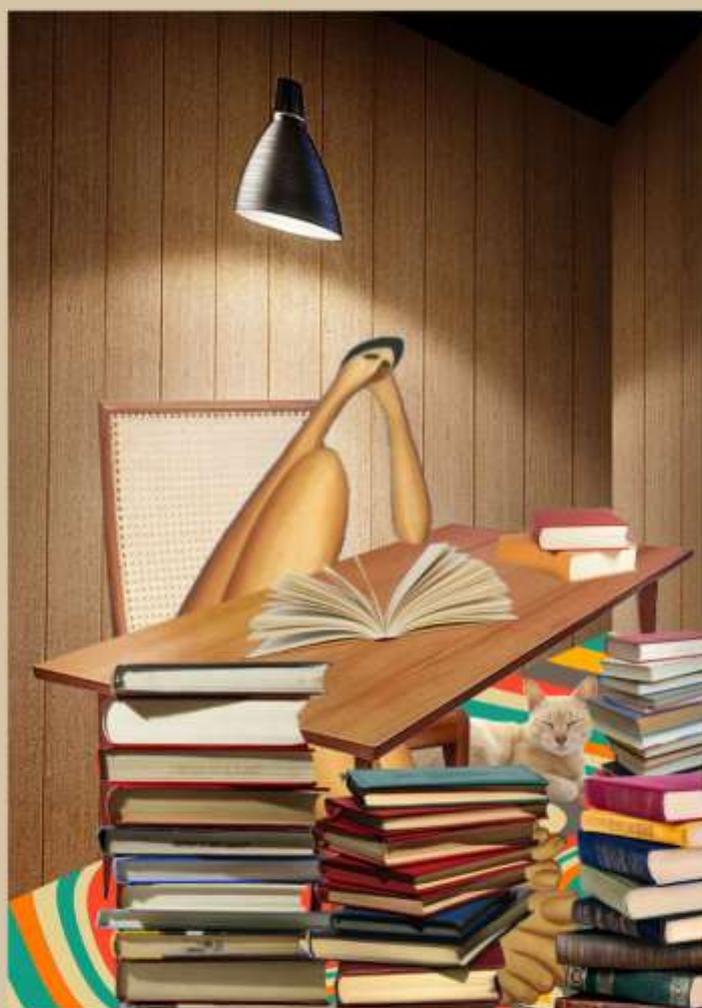


# Entre ansiedades e esperanças: narrativas de estudantes em meio a

*uma pandemia*



*Organizadoras*

**Dóris Bittencourt Almeida**  
**Natália de Lacerda Gil**

Ilustrações de Vinícius Monção

**ENTRE ANSIEDADES E ESPERANÇAS: NARRATIVAS DE ESTUDANTES EM MEIO  
A UMA PANDEMIA**

**ENTRE ANSIEDADES E ESPERANÇAS: NARRATIVAS DE ESTUDANTES EM MEIO  
A UMA PANDEMIA**

Organizadoras:

**Dóris Bittencourt Almeida**

**Natália de Lacerda Gil**

Ilustrações de Vinícius Monção

Porto Alegre  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
2021

Título: **Entre ansiedades e esperanças: narrativas de estudantes em meio a uma pandemia**

Organização: Dóris Bittencourt Almeida

Natália de Lacerda Gil

Ilustrações: Vinícius Monção

Assistente de edição: Manoela Müller dos Reis

Imagem da capa: "Apaporu e o ensino remoto 2", de Vinícius Monção

Diagramação e capa: Natália de Lacerda Gil

Edição: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

ISBN: 978-65-5973-005-6

Março de 2021

#### **DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)**

**E61**

Entre ansiedades e esperanças : narrativas de estudantes em meio a uma pandemia / Dóris Bittencourt Almeida, Natália de Lacerda Gil (Organizadoras) ; Monção, Vinícius (Ilustrador). - Porto Alegre : UFRGS, 2021.

78 p.

ISBN 978-65-5973-005-6

1. Literatura 2. Crônica 3. Narrativa 4. Pandemia –  
Coronavírus 5. Alunos I. Almeida, Dóris Bittencourt, II. Gil,

Bibliotecária: Ana Gabriela Clipes Ferreira CRB-10/1808

## SUMÁRIO

<b><u>Prefácio - Pela escrita da história: um sopro de esperança ..</u></b>	6
Maria Celi Vasconcelos e Alexandra Lima da Silva	
<b><u>Apresentação .....</u></b>	13
Dóris Bittencourt Almeida e Natália de Lacerda Gil	
<b><u>Abaporu na Quarentena .....</u></b>	17
Vinícius Monção	
<b><u>Aline Sehn .....</u></b>	20
<b><u>Amanda Paz Vieira .....</u></b>	24
<b><u>Bruna Ferreira .....</u></b>	27
<b><u>Emanuelle Maia .....</u></b>	29
<b><u>Fabiano Selbak .....</u></b>	32
<b><u>Gabriela Silva Selau Prado .....</u></b>	36
<b><u>Gabrielle Teixeira Monteiro .....</u></b>	38
<b><u>Gislaine Proença Prato .....</u></b>	41
<b><u>Júlia Ferreira .....</u></b>	44
<b><u>Juliana Luise Costa .....</u></b>	47
<b><u>Manoela Müller dos Reis .....</u></b>	50
<b><u>Mariana da Rocha Corrêa .....</u></b>	54
<b><u>Mariana Garcia .....</u></b>	61
<b><u>Samantha Teixeira .....</u></b>	64
<b><u>Talissa Barcelos .....</u></b>	67
<b><u>Tânia Andréia Pellegrini .....</u></b>	69
<b><u>Vinicius Cannavô .....</u></b>	71
<b><u>Ynae Costa .....</u></b>	74

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<u>Abaporu de quarentena</u> .....	19
<u>Abaporu e a chatice da televisão 2</u> .....	31
<u>Abaporu e o ensino remoto 1</u> .....	40
<u>Abaporu em isolamento</u> .....	53
<u>Café do isolamento</u> .....	66



## PREFÁCIO<sup>1</sup>

### **Pela escrita da história: um sopro de esperança**

Março, ano II da pandemia de Covid-19.

No dia 02 de abril de 1876, Francisca Senhorinha da Motta Diniz, proprietária e redatora do Jornal “O sexo feminino” publicado no Rio de Janeiro, para onde ela havia se mudado de Minas Gerais, um ano antes, em 1875, assim abria o editorial do número 22, de seu “Semanário dedicado aos interesses da mulher”: “Aviso ás nossas Exmas. Assinantes: A redatora desta folha, achando-se doente e toda a sua família, e ainda mais, aterrada pela epidemia atual, a febre amarela, retira-se por algum tempo para fora da côrte, e por esse motivo só mensalmente sairá a folha, até a sua volta”<sup>2</sup>.

Francisca Senhorinha era professora e produzia seu periódico em colaboração com as filhas, assim como de outras mulheres que se

---

<sup>1</sup> Maria Celi Vasconcelos e Alexandra Lima da Silva são professoras do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Proped/UERJ) e pesquisadoras da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

<sup>2</sup> O Sexo Feminino. Semanário dedicado aos interesses da mulher. Rio de Janeiro, 02 de abril de 1876, Typographia Lombaerts & Filho, anno II, n.22, p.1.

dispunham a escrever, na época, artigos que tratavam basicamente sobre a educação e o aprimoramento da mulher<sup>3</sup>.

Naquele ano de 1876, como acontecia periodicamente em todo país, mais uma epidemia de febre amarela assolava a cõrte carioca, fazendo com que aqueles que pudessem, se refugiassem no interior para escapar do flagelo e de suas incontáveis vítimas. Já não era nenhuma novidade, fazia parte da rotina da população o temor com os constantes surtos da doença. Vivia-se ao ritmo das epidemias.

Em sua “Memória histórica das epidemias da febre amarella e cholera-morbo que têm reinado no Brasil” publicado em 1873, o médico e conselheiro do Império, dr. José Pereira Rego, dava notícias de que a febre amarela havia reaparecido de forma epidêmica em 1869, no Rio de Janeiro. De acordo com a prospecção histórica do comportamento da doença, o médico analisava que, desde 1849, época em que se deu o seu primeiro aparecimento no país e a primeira grande epidemia na cidade, sua duração nunca se limitou a apenas um ano: *“assim pela primeira vez não desapareceu senão em 1854; a segunda epidemia durou de 1859 a 1863; [portanto] tudo leva a crer que depois de ter experimentado um decrescimento notável durante o inverno de 1870, vá reaparecer com a invernada de 1870 a 1871”*.

Iniciada a década de 1880, o panorama não havia mudado e o dr. Carlos Costa, redator do jornal “A Mai de Família: Jornal Scientifico, Litterario e Illustrado”, abria a sua coluna “Palestra do médico”, em abril de 1883, referindo-se a um novo surto: *“Façamos uma pequena digressão, à vista do estado atual da nossa Capital (...). Tivemos por algum tempo a esperança de que (...) para sempre tivesse desaparecido, porquanto fomos durante dois anos poupados pela terrível moléstia, causa de todos os males de nosso país. Infelizmente*

---

<sup>3</sup> Cf. COSTA, C. *A revista no Brasil do século XIX: a história da formação das publicações, do leitor e da identidade do brasileiro*. São Paulo: Alameda, 2012.

*assim não aconteceu e estamos atualmente sob a pressão da amaldiçoada peste, conhecida pelo nome de febre amarela*"<sup>4</sup>.

Em plena virada para o século XX, outro médico, o dr. Odair Franco, em seu livro "História da febre-amarela no Brasil", publicado em 1969, demonstra que quase nada havia mudado com a Proclamação da República, e os relatos dão conta de que navios estrangeiros temiam aportar no Rio de Janeiro, assim como os embaixadores recebiam uma gratificação a mais para vir atuar em terras brasileiras, considerando o risco que corriam. Entre os exemplos narrados por toda a Europa, estava o do navio italiano "Lombardia", que em visita de cortesia ao país, datada de outubro de 1895, após ter sido recebido com manifestações de regozijo pelo governo do presidente Prudente de Morais, teve a tripulação dizimada pela febre amarela. *"Quando cessou a epidemia, das 340 pessoas da guarnição restavam apenas 106, das quais somente 7 não haviam sido acometidas pela infecção amarílica. Os mortos foram sepultados no cemitério do Cajú"*<sup>5</sup>.

Foi, então, que em 23 de março de 1903, o médico Oswaldo Cruz é nomeado Diretor-Geral de Saúde Pública, dando início ao processo que iria mudar essa história. *"Era um moço de 30 anos. Nasceria no dia 5 de agosto de 1872, na vila de São Luís do Paraitinga, no Estado de São Paulo"*<sup>6</sup>.

Quatro anos mais tarde, em 08 de março de 1907, Oswaldo Cruz informava ao governo do presidente Rodrigues Alves que *"a febre-amarela já não mais devasta sob a forma epidêmica a Capital da República. Alenta-nos além disso a esperança de que, num futuro mui próximo, possamos riscar por completo da nossa estatística nosológica a moléstia que durante tantos anos constituiu o maior óbice ao nosso*

---

<sup>4</sup> A Mai de Família: Jornal Científico, Litterario e Illustrado. Rio de Janeiro, abril de 1883, Typographia Lombaerts & Cia, 5º anno, n.8, p.57.

<sup>5</sup> Cf. FRANCO, Odair. *História da febre-amarela no Brasil*. Ministério da Saúde. Departamento Nacional de Endemias Rurais, 1969, p.85.

<sup>6</sup> FRANCO, 1969, p.65.

progresso'. Depois desta comunicação ocorreram ainda alguns casos, porém cessaram em 1909"<sup>7</sup>.

Congratulando-se com a conquista do médico e sua equipe, vale ressaltar o discurso do senador Lauro Müller, há pouco mais de um século dos nossos dias: *"Nenhuma vitória mais bela registra a nossa história, porque nenhuma foi jamais tão humana nas suas consequências, nem mais brilhante na demonstração da nossa energia e capacidade científica. Contai quantas vidas o monstruoso flagelo devorara durante meio século; imaginai os rios que se formaram com as lágrimas de dor que ele fez derramar no seio das nossas e das famílias estrangeiras; calculai a noite escura e dolorosa que se formaria sobre as nossas cabeças se o nosso firmamento se vestisse um dia com os tecidos que enlutaram as famílias vitimadas; pensai nas agonias dos que se foram, na dor dos que ficaram, no terror desconceituoso do mundo inteiro. Contai, imaginai, calculai e dizei-me se pode haver glória maior que essa da nossa ciência; maior ativo que esse no balanço de um governo. Se outros títulos não tivesse a República, esse só me bastaria para redimi-la dos erros que os seus homens tenham cometido"*<sup>8</sup>.

Não levaria uma década para que o Brasil fosse assolado por outra epidemia, desta vez a gripe espanhola que, de acordo com Goulart<sup>9</sup>, faria perecer na cidade do Rio de Janeiro, durante o mês de setembro de 1918, em torno de 15 mil pessoas, dentre uma população de 910.710 habitantes; levando para o leito, seiscentos mil cariocas, ou seja, cerca de 66% da população local. Desta feita, foi o dr. Carlos Chagas que substituiu Oswaldo Cruz nos méritos por debelar "a peste" e, segundo

---

<sup>7</sup> FRANCO, 1969, p.88.

<sup>8</sup> FRANCO, 1969, p.90.

<sup>9</sup> GOULART, Adriana da Costa. *Revisitando a espanhola: a gripe pandêmica de 1918 no Rio de Janeiro*. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 12, n. 1, p. 101-42, jan.-abr. 2005, p.105.

Goulart, possibilitando “a parte de seu grupo, alcançar posições de poder político e conhecimento médico sobre o evento”<sup>10</sup>.

No entanto, como assinala a autora<sup>11</sup> uma epidemia não é somente um episódio médico, mas também atinge a toda a conformação de uma sociedade: “*é também uma construção intelectual que, uma vez realizada, tem sua própria história e vitalidade*”<sup>12</sup>. A ela seguem-se transformações ocasionadas pelas circunstâncias vividas que exacerbam os medos, testam a capacidade de sobrevivência, impõem pensar sobre as escolhas realizadas, exigem tirar as máscaras invisíveis do cotidiano para torná-las apenas reais como objetos que previnem o vírus. É o contexto do medo, do isolamento e da solidão que leva cada um a rever suas prioridades, suas necessidades, buscar memórias apagadas, silenciar as desimportantes e dar-se tempo para rever posicionamentos, individuais e coletivos, livre do turbilhão das horas que paralisam o pensamento envolto à correria dos dias. A pandemia, em última instância, irá, com a forçada introspecção de cada um, acarretar mudanças no todo, sociais, políticas e econômicas.

Das lutas contra a febre amarela ao assombro súbito da gripe espanhola, foi nos interregnos dos surtos das doenças que se construiu o mundo que chegou ao século XXI. Despreocupados das epidemias relegadas à ficção científica, desabituaados ao isolamento em uma sociedade de consumo onde ver e ser visto é o lema, esquecidos dos limites da ciência, despreparados para qualquer outro tipo de relações econômicas que não sejam as que geram lucro, a pandemia de Covid-19 invadiu um mundo sem referências de como lidar com esse fenômeno.

Diante desse contexto, foi e será preciso que façamos o exercício da reinvenção em nossas vidas, não só dos cuidados com a saúde, mas

---

<sup>10</sup> GOULART, 2005, p.126.

<sup>11</sup> GOULART, 2005, p. 117.

<sup>12</sup> Idem, ibidem.

como protagonistas dos diversos cenários que a pandemia e o isolamento social nos descortinaram.

Nossas ideias e nosso cotidiano certamente sofrerão mudanças, como as registradas nas cartas que compõem este livro escrito pelas estudantes da disciplina de História da Educação, dos cursos de Pedagogia e de outras licenciaturas, ministrada pelas professoras Dóris Bittencourt Almeida e Natália de Lacerda Gil, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Enquanto escrevíamos este prefácio, o Brasil alcançava a triste marca de mais de três mil mortes diárias, em decorrência das complicações da Covid-19. Além disso, nossas crianças e jovens completavam um ano em confinamento, longe da escola. Como um lugar seguro, somente de nossas janelas, compartilhávamos alegrias, ansiedades e esperanças.

Em um cenário tão devastador como aquele em que viveu Francisca Senhorinha da Motta Diniz, tivemos que rever nossas atividades e nos afastar de nossos amigos; clamamos por vacina lembrando da campanha de sucesso do dr. Oswaldo Cruz; e esperamos por um fim como o da gripe espanhola. Enquanto isso, sobrevivemos e escrevemos.

A escrita cura. A escrita nos dá esperança.

Escrevemos porque acreditamos que nossas vidas serão lembradas, que tivemos valor em meio as mais insólitas circunstâncias. Escrevemos porque não queremos ser esquecidas. Escrevemos porque temos esperança de que amanhã será diferente. Escrevemos porque temos esperança de que a história novamente, pela ciência, dará uma resposta, trazendo a cura.

A leitura do livro *Entre ansiedades e esperanças: narrativas de estudantes em meio a uma pandemia* é um sopro de esperança. O livro nos mostra a importância da escrita para nossa sobrevivência. Escrever é

uma habilidade demasiadamente humana. Pessoas em extrema situação de sofrimento, escreveram. E esses relatos, hoje, nos ensinam, como nos ensina a leitura deste livro!

Parabéns às estudantes e às professoras que escreveram essa obra!

Maria Celi Chaves Vasconcelos

Alexandra Lima da Silva



## APRESENTAÇÃO<sup>13</sup>

Agora que estamos escondidos há pouco mais de um ano, você sabe bastante sobre nossa vida. Mesmo assim, não posso contar tudo, porque as coisas são muito diferentes, comparadas a uma época normal e pessoas comuns. Mesmo assim, para dar uma ideia mais próxima da nossa vida, de vez em quando, vou descrever parte de um dia comum aqui [...] (Diário de Anne Frank, quarta-feira, 4 de agosto, 1943).

Anne Frank escreveu um diário entre 12 de junho de 1942 e 1 de agosto de 1944, enquanto esteve com a família e outras pessoas escondida no “Anexo Secreto”, em Amsterdã. Trata-se de uma leitura impactante que nos remete a um tempo muito difícil, quando houve a Segunda Guerra Mundial e o holocausto. Por meio de uma escrita da ordem do comum, a menina judia expôs seus sentimentos e intimidades, revelou dilemas próprios de sua idade, em meio a relatos do cansativo cotidiano, enquanto esteve isolada do mundo. Naqueles anos, marcados pelo terror, em que a vida esteve em suspenso, Anne encontrou no refúgio da palavra escrita um modo de melhor enfrentar tamanhas adversidades. Por meio do que perenizou em seu caderno, nos deixou um importante legado, que permite uma aproximação das sensibilidades próprias daquela temporalidade.

---

<sup>13</sup> Dóris Bittencourt Almeida e Natália de Lacerda Gil são professoras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e pesquisadoras do campo da História da Educação.

Desde o início do ano de 2020, não sabemos até quando, a humanidade experimenta outro problema de grandes dimensões: uma pandemia provocada por um vírus que, em muitos casos, pode ser letal, vem alastrando-se em diferentes movimentos e esse vírus assume novos contornos, transforma-se em outras linhagens, ainda pouco conhecidas pela ciência.

No Brasil, durante este tempo, absolutamente estranho em nossas existências individuais, somos defrontados com tantas outras adversidades: acirramento das desigualdades sociais, fortalecimento de discursos negacionistas e obscurantistas, questionamento do valor da ciência, em meio às omissões de um governo de extrema direita no Brasil. São tempos duros, complexos, desafiadores, para todos nós. O vírus se propaga e invade nossas vidas, de diferentes modos: a doença, a falta de trabalho, o sofrimento emocional, em meio ao sentimento de solidão.

Como professoras das disciplinas de História da Educação, pensamos nos estudantes dos cursos de Pedagogia e das diversas licenciaturas e nos sentimos instadas a tocar nesses temas sensíveis durante as aulas. Nesse meio tempo, tomamos conhecimento que uma atividade semelhante foi proposta no Programa de Pós-Graduação em Educação/UERJ<sup>14</sup>, em que mestrandos e doutorandos produziram cartas para diferentes destinatários, buscando significar suas vivências durante a pandemia. Decidimos, então, provocar *nossos estudantes* a refletirem sobre como estavam enfrentando o isolamento. Indagamos: o que a pandemia alterou em sua vida? Que impactos provocou em seu cotidiano? Que sentimentos foram os mais constantes? Que ações foram feitas e quais foram interrompidas? Você fez alguma descoberta neste tempo? Houve mudanças em seu percurso de vida? Como esse tempo

---

<sup>14</sup> Esse é um livro oriundo de ações vinculadas à disciplina Estudos Avançados de História da Educação II, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro /UERJ, ministrada por Maria Celi Vasconcelos e Alexandra Lima da Silva, como forma de enfrentar o confinamento por ocasião da COVID-19 e, ao mesmo tempo, registrar memórias de seus cotidianos, através da escrita de cartas "Cartas do Confinamento: ensino remoto e escritas na pandemia" (2020).

afetou seus valores? O que você levará como experiência desse tempo vivido? Que expectativas você tem para o futuro?

Assim, tendo as palavras de Anne Frank como inspiradoras, convidamos os estudantes a aqui publicarem textos autobiográficos, como se fossem “páginas de um diário” que contemplassem essas meditações. Essas escritas, reunidas neste e-book, podem ser entendidas como ego-documentos, como explica Antonio Castillo Gomez “los textos que um autor o autora escribe, por si mesmo o através de outro, sobre sus vivencias (directas o conocidas), sentimientos y pensamientos”<sup>15</sup>, ou seja, são escritas de si, que se referem às experiências pessoais com o intuito de guardar-se a si próprio.

O leitor encontrará narrativas que apresentam uma espécie de *frescor juvenil*, produzidas *no calor da hora*, ou seja, enquanto experimentavam sentimentos, por vezes difusos, despertados pela pandemia, esses estudantes se puseram a escrever. Portanto, vieram à tona histórias de jovens que, nesse exercício, se construíram e se inventaram, para si e para os outros, ou seja, cada um, de modos singulares, buscou produzir sentidos para suas vivências durante a pandemia.

Nosso objetivo com essa publicação é que se constitua em uma memória importante dos percursos de vida de futuros professores, estudantes do Curso de Pedagogia e das Licenciaturas da UFRGS que, em 2020, enfrentaram em seus cotidianos os efeitos de uma pandemia. Esses escritos ultrapassam o sentido de informações, pela quantidade de sentimentos extravasados durante a pandemia: surpresa, ansiedade, tristeza, saudade, medo, desamparo, dúvidas, acomodação, perdas, frustrações, solidão. Entretanto, chama a atenção a esperança e a

---

<sup>15</sup> CASTILLO GOMEZ, Antonio. Como o polvo e o camaleão se transformam: modelos e práticas epistolares na Espanha moderna. In: BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Crystina Venancio. (Orgs.). *Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 13-55.

crença no futuro, expressas no significado de cultivar a resiliência, a paciência, a perseverança, apostando na possibilidade de um mundo melhor. Nesse sentido, entendemos que a palavra escrita pode ser uma aliada, o diário um confidente, um lugar *quase sagrado* em que é possível revelar a nós mesmos o que nos aflige e, por meio dessas confidências, procurar encontrar formas de resistir e acreditar que, um dia, tudo irá passar.

## **ABAPORU NA QUARENTENA<sup>16</sup>**

Receber o convite das professoras Natália Gil e Dóris Bittencourt Almeida para compor algumas ilustrações para o livro de memórias da pandemia das/dos estudantes de licenciaturas da UFRGS foi

uma alegria para mim. Em geral, nós acadêmicos, somos convidados para redigir textos, organizar dossiês, participar de bancas de avaliação e outras tarefas; colaborar com uma produção visual-artística ainda é uma exceção e por isso foi uma grata surpresa.

Nos primeiros meses da pandemia no Brasil, naquele contexto em que alguns experimentaram o real isolamento sanitário em razão da disseminação do COVID-19, lancei-me a expressar algumas angústias e aflições vividas. Como usar palavras nem sempre é um caminho simples, lancei mão da arte para expressar alguns pensamentos e reflexões. Dessa forma, apropriei-me do Abaporu, enquanto figura mítica criada e evocada por Tarsila do Amaral, de modo a propor uma reflexão sobre o período de transição em que estávamos/estamos vivendo; “brincando” com um dos personagens ícone do movimento cultural modernista brasileiro.

No contexto da virada modernista tupiniquim, Abaporu é apresentado como uma alegoria à antropofagia, que devora e transforma o que consome, dando a eles sentidos próprios. Assim,

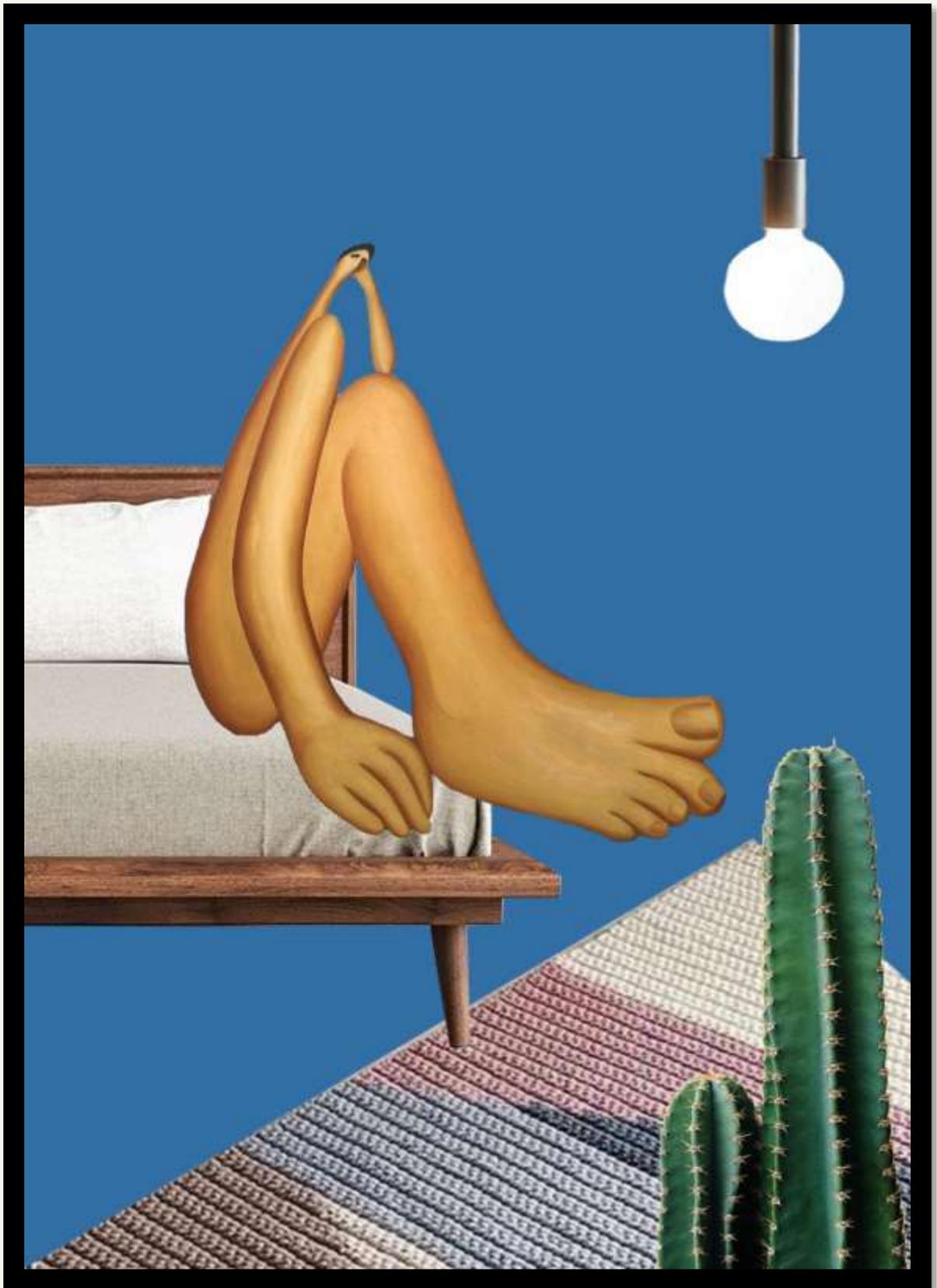


---

<sup>16</sup> Vinícius Monção é pós-doutorando em História da Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (Feusp) e Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

partindo de um significado construído na década de 1920, ressignifiquei Abaporu em 2020, apresentando-o como o sujeito moderno dos grandes centros urbanos, recluso, reflexivo e melancólico, esperando a “peste” passar e confabulando com seu universo em isolamento sobre o que há de vir com o amanhã.

Cada qual com suas experiências atravessadas pelos marcadores sociais da diferença de raça, gênero, sexo, idade, classe e regionalidade, somos um pouco Abaporu.



**ABAPORU DE QUARENTENA**

16 de março de 2020

A UFRGS anunciou a suspensão das aulas, em ocorrência da pandemia do coronavírus que já se alastrava pelo país. E o que eu pensei que duraria 15 dias, transformou-se em meses, meses de angústia, tristeza, ansiedade e saudade.

Eu já estava morando em Porto Alegre, desde a metade do ano passado, pois iniciei o Curso de Pedagogia em 2019/2. Logo, eu estava vivenciando um novo momento na minha vida, com novas amizades, novos objetivos, nova rotina, novos caminhos. Além disso, passei a morar sozinha, após 20 anos morando e convivendo com os meus pais e irmãos.

E então, veio a pandemia e, como uma onda avassaladora, mudou tudo novamente.

Assim que anunciaram a suspensão das aulas, voltei para casa para ficar com a minha família, em Ronda Alta.

Nos primeiros meses, tentei encontrar atividades que pudessem ocupar o meu tempo. Comecei a fazer exercícios físicos em casa, depois resolvi fazer um curso de *lettering*, bem como iniciei a leitura de alguns livros guardados na estante. Por um período, isso durou e me fez bem.

Depois, me vi afundada em um mar de sentimentos de saudade. Saudade da FACED, dos colegas, do DAFE, dos amigos, dos professores, dos encontros de afeto, amor e alegria, dos aprendizados em grupo, das tarefas diárias, dos abraços...ah, como eu sinto falta do contato físico e do abraço das pessoas. Saudade que se refletia em choro, tristeza, ansiedade. Ansiedade para que essa pandemia acabasse logo, para que ela parasse de levar pessoas embora, deixando as famílias sem chão, desestabilizadas, afundadas em uma tristeza sem tamanho;



frustração por viver em um país com um Presidente que considerava a pandemia que estava matando milhares de pessoas apenas como uma "gripezinha" e, por isso, não buscou logo medidas eficazes para amenizar as perdas que o nosso país estava enfrentando. E como isso era revoltante, triste e lamentável.

Muito mais que uma distância física, o que eu sentia era uma distância emocional, que vai ao encontro de um certo "pertencimento" que eu já havia estabelecido com a própria FACED e com o DAFE, ambientes em que muitas construções e aprendizados aconteceram, assim como muitas trocas de afeto e, por hora, me ver longe de tudo isso me deixa extremamente frustrada, confusa, ansiosa.

Mesmo à distância, sempre mantive contatos com os meus amigos, apesar do coração ficar apertado e com saudade de receber um abraço bem forte.

Mas, em meio a tudo isso, destaco uma das ações realizadas pelo nosso Diretório Acadêmico, juntamente com a Direção da Faculdade de Educação, que foi a construção da Rede FACED Solidária. Essa rede teve o objetivo de auxiliar, pelo menos um pouco, os estudantes e também as suas famílias que estavam passando por dificuldades durante esse período. Através desse coletivo, muitos aprendizados significativos foram construídos, principalmente de como o trabalho em grupo faz toda a diferença, principalmente quando é um trabalho de afeto, de acolhimento, de solidariedade. O envolvimento nessas ações ajudou a me fortalecer em meio ao caos todo.

Antes do mês de agosto, iniciaram as mobilizações de luta contra a aprovação do ensino remoto na UFRGS, pois isso iria aprofundar mais ainda as desigualdades já existentes, além de aumentar as taxas de evasão. Como seguir de forma normal, quando o momento atípico em si trouxe – e continua trazendo – perdas, frustrações, desamparo,

isolamento, dor e cansaço, por exemplo? Logo, como é possível seguir com os estudos como se o mundo em si não estivesse desabando?

Pois bem, mesmo assim, o ensino remoto foi aprovado na UFRGS e teve o seu início no dia 19 de agosto. E como eu lidei com tudo isso? Minha saúde mental estava devastada, aos poucos comecei a perder o ânimo para fazer as coisas e isso teve reflexo no ensino remoto. Nada se compara a uma aula presencial, de contato, de olhares, de debates e aprendizados, como isso me fazia falta, mesmo sabendo que o momento em si não permitia. Tive dificuldades para me adaptar com esse tipo de ensino, de me concentrar e até de estudar de forma qualitativa como eu sempre gostei de fazer.

Descobertas.

Nesse período, iniciei terapia também. E estar nesse processo de autoconhecimento está sendo muito necessário e importante para mim, para que eu consiga compreender as emoções e sentimentos que perpassam por mim, bem como maneiras de lidar com determinadas situações.

Além disso, percebo o quanto o fato de estar com a minha família, nesse momento, está sendo algo necessário, mesmo com os conflitos que acontecem às vezes. Ficar sozinha é bom sim, eu já estava acostumada, mas, em um momento em que milhares de pessoas perderam/perdem seus familiares ou estão há meses sem poder se ver, estar ao lado das pessoas que eu amo e que estão bem é algo extremamente valioso e aconchegante.

Acredito que o período em si deixa lacunas, assim como reflexões pertinentes, principalmente com relação à nossa própria vida e às pessoas que dela fazem parte. Ações de encontro e de trocas foram interrompidas, causando a frustração e a saudade. Esses sentimentos são latentes no meu cotidiano, misturados com a ansiedade de que tudo isso chegue ao fim para que eu possa me encontrar novamente com as

minhas amigas, no ambiente que a gente divide e compartilha aprendizagens, sonhos, trocas, sorrisos, angústias.

E mesmo agora, em outubro, ainda me vejo confusa com tudo isso, principalmente com a questão do ensino remoto, mas, aos poucos, estou tentando lidar com a situação. Lidar com o fato de não saber até quando isso vai durar, porque ainda é uma incógnita, principalmente vivendo em um país com governantes que ignoram a ciência a todo custo.

De tudo isso, levo comigo a importância dos vínculos, da parceria e da união. Mesmo distante de muitas pessoas que eu amo, esse período serviu para me ensinar que mesmo nos piores momentos, ter com quem contar e dividir as dores faz toda a diferença e nos ajuda a seguir em frente. Afinal, é no coletivo que construímos nossas lutas, que nos transformamos e aprendemos diariamente.

Por fim, desejo que, em um futuro próximo, todos possamos estar de volta, conectados uns com os outros, mas de forma presencial, de forma viva, radiante e mobilizadora.

16 de outubro de 2020

Querido leitor,

O começo da pandemia e da quarentena lá pelo mês de março foi assustador. Lembro da minha avó conversando com a minha mãe e dizendo que nunca tinha passado por algo assim, das pessoas terem que usar máscara, de ter que higienizar tudo e não poder abraçar o próximo.



Algo que até então era para durar apenas 15 dias e já se passaram meses e permanece até hoje. Lembro bem das minhas chateações no começo disso tudo. A ignorância em um país afundado em *fake news* e um governo que escolheu não se importar e acabaram cometendo os mesmos erros de outros países. Ver o próprio presidente do país e aqueles que o idolatram fazendo aglomerações e achando que tudo isso é só uma "gripezinha" não foi nada fácil.

Todas essas atrocidades fizeram com que nem eu reconhecesse o que eu sentia naquele começo. Era uma mistura de angústia, medo e ansiedade. Além do cansaço de ter que explicar que isso não é uma brincadeira. No lugar que eu moro e para muitos familiares a vida continuou a mesma: se reunindo com os amigos, indo para a praça sem o uso de máscara e se a gente questiona ainda dizem que se nem o presidente usa, por que eles vão usar?

Teve um momento que eu cansei de tentar convencer as pessoas sobre a gravidade do problema. Lembro também que no começo era uma competição para ver quem era mais produtivo, sendo que estamos passando por um momento atípico. Lembro que eu também queria fazer os cursos que as outras pessoas estavam fazendo, ler os textos que os

professores tinham deixado disponível ou até mesmo fazer um exercício físico, mas eu não conseguia. Na época até desativei algumas redes sociais para preservar a minha saúde mental.

No momento em que eu finalmente entendi que estava tudo bem não conseguir fazer um milhão de coisas igual às outras pessoas, eu consegui realizar algumas coisas. Aprendi a fazer algumas receitas com a ajuda da minha mãe, assisti algumas séries e consegui ler os livros que eu queria, mas como eu disse, levei um tempo para entender que estava tudo bem ter dias que eu não ia conseguir fazer nada.

Quando eu estava começando a me organizar e ficar bem, isso no mês de julho, anunciaram a volta as aulas no ensino remoto emergencial. Acreditei que ter algo para ocupar a minha cabeça ia ser bom, mas ao mesmo tempo veio aquela ansiedade. Até que aconteceu o que eu e minha mãe mais tínhamos medo: meu irmão, que não pôde deixar de trabalhar já que trabalha em um hospital, pegou COVID no mês de agosto, bem quando as aulas voltaram.

Foi bem difícil e lembro como se fosse ontem os dias que passamos aqui em casa em isolamento. Foi terrível e ele teve que ficar aqui em casa, porque tem dois filhos pequenos e na casa dele não teria um local adequado para o isolamento. Nós tínhamos muito medo e eu que sempre me considerei chorona, não lembro de ter chorado. Era mais uma aflição para que ele melhorasse logo e pudesse voltar para a sua rotina e sua casa. Graças a Deus e aos cuidados que tivemos tudo melhorou.

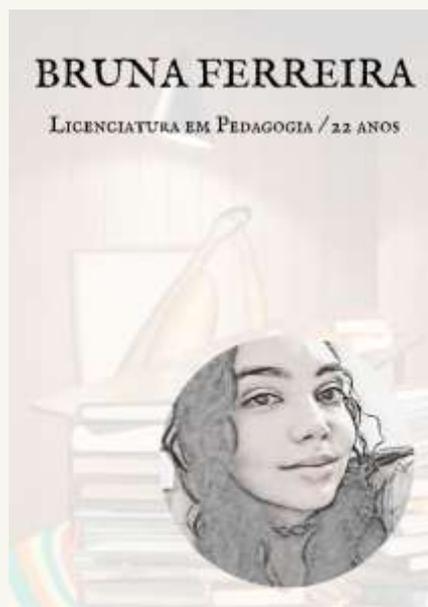
Depois de meses de isolamento tivemos que adotar muitas regras em nosso dia a dia, como o uso da máscara e a higienização de tudo. Hoje em dia faz parte do meu dia a dia higienizar as coisas, mesmo que não precise. Tem vezes que eu acho que exagero, mas como eu e minha mãe já passamos por isso, sabemos como foi difícil e não queremos passar por isso novamente.

Hoje, no mês de outubro, consigo fazer o meu cronograma para as coisas que eu tenho que fazer ao longo da semana, mas tem dias que com as notícias e a própria situação que estamos vivendo não consigo fazer nada. E eu vi que está tudo bem. Grande parte dos professores compreendem e sempre estão dispostos a conversar, então isso facilita. Reconheço também o meu privilégio por ter ficado em casa todos esses meses e se precisar nos próximos meses também.

Espero que tudo isso passe logo. Não faço ideia do que vai ser da próxima semana, do próximo mês e do próximo ano. Ainda não consigo pensar no futuro, claro que depois que tudo isso terminar quero reencontrar meus amigos e alguns familiares, mas hoje não consigo pensar em algo para mim. Agora, estou prestes a começar a bolsa do PIBID de forma remota também, quem sabe isso me ajude de alguma forma.

25 de setembro

Neste momento, já se passaram 196 dias, desde o começo do isolamento social, estou em casa com meus pais e meu irmão de onze anos. Embora tenha se formado um senso de comodidade, de modo geral, na população e o isolamento social tenha caído muito, aqui em casa ainda mantemos a mesma rotina do começo da pandemia.



Meu pai trabalha e tem que sair todos os dias de casa, mas temos um sistema de higienização para quando ele retorna. Minha mãe é responsável pelas saídas ao supermercado e farmácia, mais ou menos uma vez por semana, ela também tem que sair.

As aulas do meu irmão pararam no mesmo dia que as minhas (13 de março), mas, diferente de mim, as aulas online dele começaram antes. No começo, foi complicado ter uma rotina, ele tem só 11 anos, é difícil pra uma criança dessa idade não ter contato social, entretanto, as coisas foram se arrumando aos poucos, ainda há dias de dificuldade, mas, por sorte, ele é uma criança compreensiva e que entende o momento que todo mundo está passando.

Durante esse período, eu saí apenas uma vez de casa, para ir ao médico, nada preocupante. Fiquei algum tempo sem aulas, mas procurei ocupar esse tempo "livre" com atividades que me trazem algum tipo de prazer e motivação: li, assisti alguns filmes, algumas séries, documentários, desenhei, pintei e comecei a me exercitar regularmente. Claramente, as artes são o que me traz conforto, juntamente com o fato de saber que, (e quão sortudo nós somos) minha família está bem e com saúde.

A parte mais difícil da quarentena tem sido, para mim, a enxurrada de notícias, estar bem informada é um privilégio, ter consciência é um privilégio, mas não são apenas prós, há contras também. O fato de estarmos dentro de casa e sem outros escapes que o convívio em sociedade nos traz e o tanto de notícia 24 horas por dia tem me deixado um pouco atordoada e é tanta notícia ruim que, sinceramente, o sentimento de desesperança tem sido uma constante.

E junto disso, dessa insatisfação com o mundo, com as pessoas, têm as aulas EaD, ou ERE, ou aulas síncronas, são tantos nomes que, na maior parte do tempo, não sei se ajuda ou deixa as pessoas em um desespero maior. Eu, particularmente, tenho acesso e tempo para estudar, quase sempre, sou mentalmente estável, mas o número alarmante de pessoas que tenho visto e que estão em completo desespero com o acúmulo de atividades tem me preocupado, penso se não teria sido melhor cancelar este ano letivo e, por sorte, começar de novo no ano de 2021.

E como se tudo já não fosse ruim o suficiente, ainda temos o desgoverno deste país.

Com sorte, terminaremos o ano de 2020 vivos e com um pouco mais de consciência social, o mais importante, por mais difícil que seja, é acreditar que ali na frente as coisas serão melhores, a humanidade já passou por coisas bem piores e sempre seguiu em frente, não vai ser diferente dessa vez.

Olá Diário,

Este ano não fui a nenhuma sala de aula. Mal tinham começado as aulas quando o pesadelo da pandemia começou. Não tinha ido à faculdade na primeira semana de aula porque isso me daria mais uns dias de trabalho. Aliás, foi aí no trabalho que senti o impacto inicial. Vivia como atendente de um bar no centro de Porto Alegre e um decreto nos proibiu de continuar as atividades.



Sabe, Diário, confesso que nos primeiros dias – quando ainda não tinha noção da gravidade da doença e menos ainda dos seus efeitos devastadores – fui egoísta e achei que me caíram bem aqueles dias de “descanso” em casa. Tirei uns dias pra ler coisas por prazer e passei a cuidar da minha saúde física – me alimentar melhor, fazer atividades em casa. As aulas seguiam incertas e quanto mais os dias passavam no calendário, mais e-mails de setores da UFRGS e professoras, recebia. Afinal, essa coisa de calendário letivo não parece caminhar muito ao lado do calendário das vidas. Ou a gente aceita e se adapta ao que nos é determinado ou é soterrada por datas e prazos.

Bem, quando passou um semestre, já tinha desenvolvido crise de ansiedade, estava vivendo da solidariedade de amigas para comer (já que tinha ficado sem ter como trabalhar) e, até mesmo, o inverno pareceu muito mais rigoroso para a nordestina aqui porque parecia que só o clima tinha dinâmica na minha vida. Tudo mais se transformou numa repetição que parecia sem fim, de modo que não sabia sequer contar uma história ou lembrar uma conversa porque não lembrava os dias da semana. Aliás, isso não fazia a menor diferença prática. Passaram-se feriados, fins de semana e tudo era igual. Já não sabia mais o que

inventar para tentar mudanças mínimas na rotina. Tive que voltar para a casa dos meus pais no Maranhão porque não tive mais condições de me sustentar em Porto Alegre. E então a UFRGS voltou a fazer parte da vida... E fez muita diferença.

As aulas iniciaram em formato remoto e isso já era sinônimo de ter um desafio a enfrentar. Pois bem, estou há meses vendo réplicas imagéticas das caras de colegas, que nunca conheci, na tela de um celular, mas consigo pensar em atividades e ter compromissos nos dias da semana, reuniões, encontros virtuais, questionários, exercícios para responder e outras pessoas a quem me reportar. Nem toda semana é fácil estar motivada para essa novidade, inclusive algumas disciplinas deixaram datas flexíveis e não sei bem o quanto isso ajuda ou não. Tentei manter certa frequência como estratégia para não me perder no tempo (e não endoidecer meu calendário com o acúmulo de coisas).

Por outro lado, vejo algumas potencialidades nessas aulas remotas: tenho a impressão que as pessoas estão mais organizadas a falar, atropelando menos os discursos alheios porque, quando se trata do encontro virtual, fica mesmo mais difícil de entender se não esperamos a nossa vez; os links úteis podem ser compartilhados e acessados simultaneamente; a dispensa de deslocamento até a sala de aula nos faz ganhar tempo.

E das mais curiosas das novidades: é a primeira vez que faço aulas da UFRGS estando na minha terra natal. É interessante ver as diferenças nas roupas que vestimos (quando conseguimos nos ver na telinha) devido ao clima e claridade do dia nas aulas que se iniciam no fim da tarde: em São Luís do Maranhão é invariavelmente calor todos os dias e o pôr do sol mantém a regularidade de seu horário de despedida ao fim do dia. Aqui é sempre verão. Justaposições de calendários: o da vida rotineira na pandemia, o do ano letivo, e o das distintas estações do ano.



ABAPORU E A CHATICE DA TELEVISÃO 2

Memórias, que bom poder ter uma memória, graças a elas tenho a oportunidade de expor neste momento, minha experiência vivida no ano de 2020. A memória é um espaço mental, uma caixinha de registro que nos oportuniza ter recordação e onde nelas ficaram as experiências do período de pandemia (Covid19). Tu deves estar agora dentro desta instituição, UFRGS ou em outra



universidade, quem sabe lendo para si mesmo(a) em algum projeto de pesquisa, ou em uma roda de estudo, em alguma sala de aula, meu registro, não sei! O que te posso afirmar é que não foi fácil viver este período.

Eu ainda recordo o dia em que iniciava mais um ano letivo, era uma manhã quente, entrei no prédio azul da FACED (UFRGS). A velha rotina de sempre, corredores cheios, as moças se abraçando, velhas colegas se revendo pós-férias.

Ninguém suspeitava que um grande evento fosse parar o planeta inteiro, nem se imaginava, eu pelo menos nunca pensei que haveria alguma coisa que tivesse este poder todo, a não ser em filme americano com efeitos especiais (kkkkkkk). Você sabe o que significam estas consoantes (kkkkk)? É uma forma escrita que usamos para expressar nossas risadas, acredito que tu deves estar sorrindo, pois talvez não seja mais de teu tempo essa moda de expressão comunicativa digital.

Chegamos a ter aulas, duas semanas, creio eu, todas as informações referentes ao que acontecia em torno da pandemia, por via dos noticiários, eram ainda uma incógnita sem bases seguras. É muito assustador não se saber de forma correta uma verdade concreta.

Não bastassem as brigas políticas nos quadros das emissoras de televisão, ainda havia as guerras internas entre políticos do mundo inteiro.

Uma das coisas interessantes que me chama a atenção nestes tempos de crise é a forma como tudo acabaria se estabelecendo. O lar passaria a ser escola, trabalho e ponto de encontro da família. Também de relações online entre nós e o mundo, sim! Nunca se usaram tanto as redes sociais como nestes dias turbulentos, havia os prós e os contras, já as verdades se misturavam com as mentiras e também com as guerras de informação.

A política dos políticos, falo isso porque não é apenas dos políticos, mas, a deles iria ficar famosa, já que para uns, isso seria uma forte arma de poder. Irei te contar uma coisa. Alguns políticos cairiam do poder, outros seriam protagonistas do poder. A imprensa televisiva, aturdida, usaria isso como arma, já que, nestes tempos, o palco do teatro jornalístico não mediria mais suas forças, mesmo perdendo força, não deixaria de se beneficiar do momento. Fosse como fosse, ainda que tivesse que botar para fora do seu exuberante navio de aparências, seus marinheiros atores para fora, e assim aliviar o peso e ganhar força e continuar usando o momento de crise.

Eu mesmo ficava observando todos estes movimentos, vale lembrar que o fato de eu estar na condição de estudante, não significava, em momento algum, que não estivesse refletindo, eu sempre tirava minhas próprias conclusões, como a que faço ao escrever para ti agora. Por falar nisso, a tão sonhada conquista de estar estudando na UFRGS, novamente seria adiada. Bom! Eu até este momento que realizo este relato, me encontro oficialmente no terceiro semestre de Pedagogia, cheguei a ter um pouco o sabor de escutar um professor(a) frente a frente. Será que teremos novamente um? Notas como é terrível viver nestes tempos de insegurança?

O estudo no lar via online é bastante desafiador, os professores passam a serem letras falantes, alguns mais "rebeldes", no bom sentido, resolveram lutar contra, gravam algumas aulas explicando os temas, e eu vejo nisso o ato de adaptação e rebeldia contra o coronavírus.

Confesso que me perco todo, entro muitas vezes no computador, e lá no sistema Moodle Acadêmico, portal por onde estudamos. Por lá, fico perdido em meio a tantas informações, demoro muito até me encontrar, às vezes, me escabelo e não foram poucas as vezes que senti vontade de adiar algumas cadeiras, mas me recordava de alguns dos mestres pedindo que não desistíssemos. Não é fácil não, a socialização nunca fora tão importante como nestes dias, aliás! As convivências sociais nestes dias valiam mais que dinheiro.

Falando nisso, o desemprego, era assustador. A educação das crianças também era assustadora, já que eu mesmo sou um adulto e, de qualquer forma, compreendo a situação, mas os fatos presentes, na cabeça de uma criança, não seriam fáceis não. Em minha casa, procurei fazer sentido na vida delas, decidi dar aulas em casa para as crianças da família, até reuni alguns que eram filhos de vizinhos, afinal, estávamos mesmo presos no lar.

Resiliência, paciência e perseverança, também foram virtudes muito em moda nestes tempos. Em momento que não mais conseguia pensar corretamente, partia para uma destas virtudes. Eu, enquanto aluno, sempre procurei me envolver com os professores, estar perto, construir amizades além da sala de aula, entendia que desta maneira o conhecimento sempre ficava mais claro. Minha mãe me dizia quando menino "Seja amigo dos teus professores, eu não acredito que um professor se negue a ensinar aquele que queira aprender".

Desde o segundo semestre da faculdade, eu já era um monitor, isso rendia uma ajuda de custo e também proximidade entre mim e os mestres.

Eu já estou formado em Filosofia, recordo o ano em que eu concluí o curso, julho de 2016, foi quando veio uma “pandemia filosófica”, a filosofia teria sido retirada da base como disciplina elementar, no governo de Michel Temer. Voltei ao palco dos desempregados, sem ter tido a oportunidade de ter o emprego que sonhava estar, na condição de um educador. Voltei ao cenário acadêmico e bati as portas da Pedagogia, pensei! Pedagogia é bem mais fácil para quem quer trilhar este caminho, meus conhecimentos de Filosofia agregariam aos de Filosofia e isso seria mais uma base para as crianças, jovens e adultos.

Quero encerrar meu breve relato a ti que me lê.

Outras crises virão, isso é fato normal, afinal somos humanos e onde estiver mais de um junto, pode acreditar que sempre haverá um conflito, afinal isso nos mostra que somos diferentes e precisamos nos olhar desta maneira.

Gosto muito do espiritismo e uma frase dentre muitas, me acompanham, deixo ela para ti como reflexão, já que para mim a mesma se torna.

“Ninguém pode voltar atrás e fazer um novo começo. Mas qualquer um pode recomeçar e fazer um novo fim.”

Chico Xavier.

Querido Diário,

Tudo se passou muito rápido, parece que estamos vivendo anos dentro de curtos períodos, tivemos apenas um "gostinho" de vida normal, antes que a situação não permitisse mais o simples ato de ir e vir, sem medo de colocar a nossa vida e a de outras pessoas em risco.

Lembro que as primeiras semanas que ficamos impossibilitados de sair foram mais agoniantes. Principalmente, por dois motivos: era o início do ano, já estávamos algum tempo longe de quem gostávamos; e também uma pandemia era algo tão longe da nossa imaginação que a incerteza parece ter dominado nossas mentes e o noticiário.

Mas, no momento, acredito que me acostumei com tudo isso, depois de alguns meses parei de ver tanto as notícias, comecei a ler mais. E não quer dizer que eu não me afete com isto, ou não me importe com tantas mortes. Acho que criei diferentes "válvulas de escape".

E também criei alguns filtros ou bloqueios, para não pensar muito sobre o momento em que estamos vivendo, ou, ao pensar, acabo tentando me distanciar daquele fato. Como quando escutamos que em um país distante ocorreu um desastre ambiental, porém achamos que isso não ocorrerá conosco ou não nos afetará. E também não poderemos fazer nada em relação ao ocorrido, pois estamos muito longe.

Uma das minhas válvulas de escape tem sido imaginar que logo vamos voltar a ver todas as pessoas que amamos, sem medo e com segurança. E também de que tiraremos algum aprendizado disso, seja no respeito à natureza, à vida, ou na valorização das pessoas e relações que



nos cercam. Porém, meu lado otimista entra em conflito com o pessimista e, como diz a canção, 'é preciso estar atento e forte'.

E espero que estejamos todos atentos e fortes para o que vem depois de tudo isso, porque a mudança sem planejamento, ações e luta, corre o risco de viver apenas na ideia. Acho que merecíamos muito uma vitória depois de tantas derrotas. Vou manter uma pequena esperança acesa, mesmo que esse ano tenha insistido em derrubar todas as expectativas positivas.

Lembro-me bem dos últimos dias de aulas presenciais, antes de entrar em isolamento social, afinal foram poucos, o ano letivo a recém havia começado quando dei início ao segundo semestre do Curso de Licenciatura em Pedagogia pela manhã e, à tarde, havia começado em uma bolsa na biblioteca setorial, na Faculdade de Educação. Estava ansiosa e empolgada pelo retorno às aulas. Porém, no início do ano de 2020, começaram a circular notícias pelo mundo, afirmando que havia um vírus que se alastrava rapidamente. Após o primeiro caso registrado no Brasil, em meados de fevereiro, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul decidiu suspender as aulas, em 16 de março, como medida de contenção da transmissão da doença.



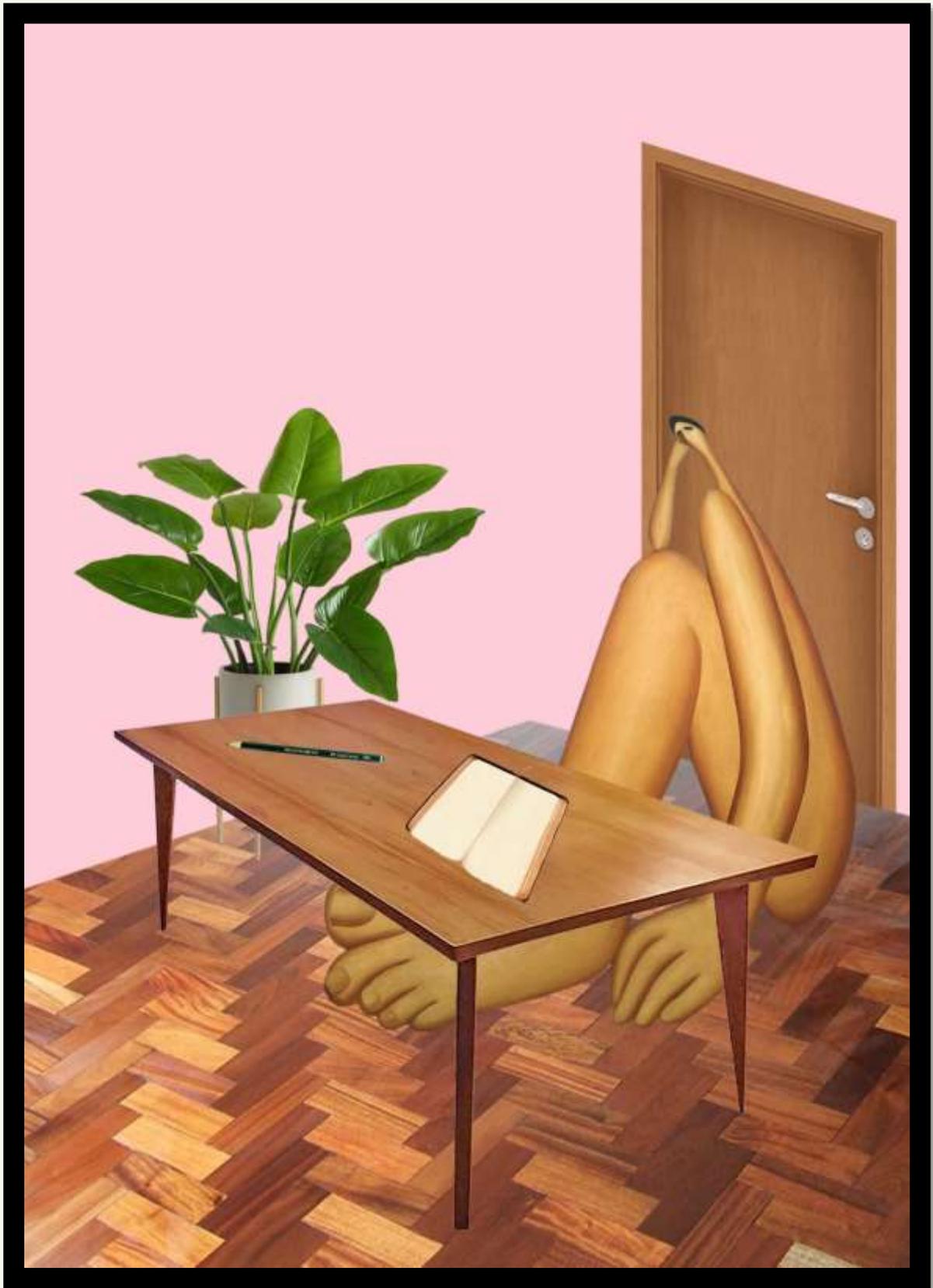
Agosto de 2020

As aulas retornaram no formato ERE — Ensino Remoto Emergencial, em 19 de agosto. Nunca havia estudado à distância, então considero algo novo, tive algumas experiências com cursos que fiz em determinados momentos, mas claro que cursar uma faculdade a distância não é a mesma coisa, requer muito mais organização e disciplina com os horários das aulas síncronas, envio de trabalhos, participações em fóruns, entre outras atividades. Penso que, quando estamos em casa, o tempo passa de forma diferente, encontramos muitas distrações e assim como há dias que passam muito rápido e não se encontra tempo para realizar todas as tarefas, há também dias que não passam.

16 de setembro de 2020

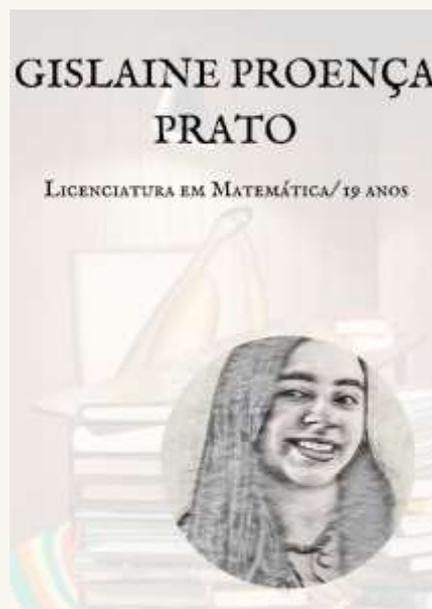
Hoje, enquanto eu escrevo, ou melhor, digito esses registros faz quase um mês que as aulas voltaram e posso dizer que não é fácil se acostumar a outro modo de ensino que não a sala de aula, ainda mais quando se está acostumado ao modo tradicional. O notebook e a internet se tornaram amigos essenciais nesse momento, sem eles ficaria muito difícil acompanhar as aulas com essa rotina diferente, longe da sala de aula, dos professores e colegas.

Tenho gostado bastante das disciplinas que estou cursando, tive apenas uma cancelada, “Jogo e Educação” que, por ser uma cadeira prática, ficaria inviável termos as suas aulas remotamente. Entretanto, as que permaneço matriculada, sinto que estou conseguindo aproveitá-las. Há alguns dias, assisti ao filme *Minha Vida de Menina*, o qual fazia parte de uma das atividades de História da Educação, e conta a história de Helena, jovem que começa a escrever um diário e também estudava para ser professora no início do século XX. Enfim, o filme tem várias cenas divertidas e gostosas de assistir. Tem também a disciplina de Educação Especial, em que cada um está escrevendo um “Diário de Classe”, online, com impressões que temos a partir das videoaulas e dos textos e filme estudados. Em Libras, gravamos vídeos praticando os sinais e enviamos para a professora, acredito que é uma boa forma de estudar, tentando aproximar ao máximo do ensino que tínhamos até o começo do ano, uma tentativa de estarmos próximos, mesmo distantes.



**ABAPURU E O ENSINO REMOTO 1**

Olá, meu nome é Gislaine Proença Prato, tenho 19 anos, moro em Esteio, cidade da região metropolitana de Porto Alegre, estou cursando licenciatura em Matemática na UFRGS e venho, por meio deste texto, contar-lhes um pouco da minha experiência neste tempo de pandemia, no ano de 2020.



Tudo estava normal, e eu estava mais feliz do que nunca pois estava cursando pela primeira vez uma faculdade, e as minhas aulas presenciais na UFRGS estavam começando. As novidades eram diversas e eu estava conhecendo muitas pessoas legais, quando, de repente, surgiu a notícia da descoberta de um novo vírus, o Covid19. No começo, achei que seria apenas uma “nova gripe”, mas, infelizmente, não era e, a partir daí, as notícias só foram aumentando, juntamente com a minha preocupação, até que no dia 17 de março de 2020 foi decidido e anunciado que ocorreria a paralisação das aulas na UFRGS e faríamos uma quarentena.

Então, iniciou-se o meu isolamento social, no começo, ainda achei que ficaríamos apenas os quarenta dias em casa e depois tudo voltaria ao normal novamente. Mas não foi o que ocorreu e estamos chegando ao fim do ano e continuamos nessa quarentena. Acredito que só não me senti tão isolada por causa dos meus pais, pois, como moro com eles, estamos passando esse isolamento social juntos.

Assim que comecei a fazer a quarentena, passava praticamente o dia todo ouvindo notícias sobre a Covid19, principalmente a parte em que falavam sobre o número de pessoas que morriam, por causa da Covid19, que estava sempre aumentando e isso me deixava muito preocupada, com medo... Então, chegou um momento que eu parei de

ficar assistindo toda hora essas notícias e comecei a fazer planos sobre as coisas que pretendia fazer, enquanto durasse essa quarentena, como, por exemplo: fazer exercícios físicos, arrumar a casa, estudar, assistir filmes, entre outros. E fazer esses planos me fez muito bem.

O início dessa pandemia também causou uma reorganização na questão do tempo. Para mim, foi como se ele fosse desacelerado, e, antes das aulas voltarem no modo ERE (Ensino Remoto Emergencial), eu tentei aproveitar esse tempo, que no momento não sabia quanto tempo seria, para fazer as coisas que não conseguia fazer ou não tinha muito tempo para fazer no começo do ano (aqui também entram as atividades de lazer). É importante destacar que houve uns momentos que planejei fazer várias coisas durante o dia e, quando chegava o final do dia, não havia feito nem a metade, e isso não foi ruim, pois provou que não é porque passamos o dia todo em casa que conseguiremos fazer o triplo de atividades que estamos acostumados a fazer em nossa rotina normal. Talvez até possamos conseguir, mas isso não valerá à pena, pois iremos acabar nos sobrecarregando em algum momento. Devemos manter um equilíbrio entre atividades e descanso, visto que os dois são importantes para a nossa saúde tanto física quanto mental.

Os meios tecnológicos, hoje, mais do que nunca, trouxeram muitas vantagens neste tempo de isolamento social, foram eles que “reconectaram” as minhas interações com meus familiares, amigos, colegas, professores, monitores... o que foi muito importante, estávamos separados fisicamente, mas conectados virtualmente.

Quando as aulas retornaram no modo ERE, as novidades só aumentaram no meio virtual e, por isso, gostaria de destacar a importância da ajuda de amigos, colegas, monitores, professores, pais... nesse momento, pois, se eu estivesse mesmo sozinha, com certeza, não conseguiria. E, nesse momento de pandemia, também tive a valorização do contato físico (abraços, apertos de mão...) que precisa ser evitado atualmente, é diferente ver um conhecido e não poder abraçá-lo.

Espero um futuro melhor, em que seja encontrada a cura para esse Covid19 e possamos sair desse isolamento social e valorizarmos mais as interações presenciais que temos com as pessoas.

Terça-feira, 13 de outubro de 2020

Eu lembro como se fosse ontem: na semana do dia 16 de março tudo parou. Confesso que na semana anterior ao dia em que cessaram as atividades, eu ainda achava que parar tudo era um exagero e o vírus não iria atingir o Brasil tão fortemente. Como estava enganada! A escola em que eu trabalho fechou e seguimos trabalhando



de forma remota. Foi um período de adaptações e aprendizados. Tive que aprender a reestruturar as minhas aulas e adaptá-las para que continuassem acontecendo on-line. Trabalhei muito mais horas do que fui contratada, mas não podia deixar meus alunos na mão. Parecia que estava dentro de um filme em que o mundo todo está assustado diante dessa ameaça invisível que nos mata silenciosamente enquanto estamos presos em nossas casas. Sei que muita gente não parou em nenhum momento e sou privilegiada por ficar cerca de 7 meses isolada. Minha mãe, por exemplo, trabalha em uma clínica de radiologia dentro do hospital e em nenhum momento trabalhou de casa.

O sentimento que predominou durante o isolamento foi o de medo e ansiedade. Medo pela minha mãe, que trabalha em um lugar onde é impossível evitar o contato com o vírus, e pelos meus avós que são grupo de risco e moram conosco. Ansiedade em não saber quando tudo isso vai terminar e poderemos voltar ao normal. Mas a verdade é que o normal ao qual estávamos acostumados acabou e eu não acho que ele irá voltar. Digo isso porque na semana que vem (19 de outubro de 2020, para ser mais específica) volto a trabalhar presencialmente, apesar de pessoas estarem morrendo todos os dias e não termos uma vacina. É assustador.

Em abril comprei a minha primeira máscara de tecido, hoje tenho uma gaveta com várias delas. Esse é o novo normal. Mas, vou ser justa e dizer que o isolamento não foi de todo ruim (no meu contexto, é claro). Acordar às 5 da manhã no inverno, pegar trem e ônibus para chegar às 7:30 na UFRGS nunca foi fácil e com o isolamento não precisei fazer isso. Também tive mais tempo de praticar yoga (passava em torno de 4hs por dia em transporte público, contando a faculdade e o trabalho). Se eu tivesse que eleger duas coisas que me mantiveram sã nesse período de isolamento, eu diria que foi praticar yoga e ter uma rotina. Improvisei um *planner* semanal e anoto TUDO o que eu preciso fazer (de tomar café da manhã a planejar aulas e ler artigos da faculdade) e poder riscar todas as tarefas que foram feitas é maravilhoso!

Em agosto as aulas da UFRGS retornaram de forma remota e, apesar de ser difícil conciliar trabalho dobrado no isolamento com as aulas da faculdade, fiquei muito feliz de rever alguns professores e suprir minha sede de conhecimento. Eu AMO aprender, tudo e qualquer coisa, mas principalmente assuntos que eu gosto e felizmente eu gosto muito das disciplinas do curso de Pedagogia. Acho que todo professor gosta de aprender, por isso ensinamos. Acho que as duas coisas estão extremamente conectadas.

Em setembro, perdi a primeira pessoa próxima para o COVID-19: meu tio-avô. Além de não irmos ao velório e funeral, minha família e eu ficamos bem abalados porque, até então, só víamos as mortes na TV e isso não fazia parte da nossa realidade. Minha avó foi a que mais sentiu, pois não é fácil perder um irmão. Agora sentei aqui para escrever no meu *home office* improvisado que é, na verdade, uma bancada com um banco no meu quarto e me dei conta de quanto tempo passei aqui ensinando e estudando. Esses últimos meses passaram voando e semana que vem a minha rotina vai mudar novamente. Ainda não sei muito bem o que estou sentindo (ainda bem que a terapia ajuda nesse quesito), só sei que vou sentir falta de olhar pela janela e ver meu pé de mamão,

tomar chimarrão (em cuias separadas, óbvio) com a minha avó todos os dias, fazer um intervalo no meio da tarde e brincar com as minhas cadelas (Belinha e Ísis) e ter tempo (e disposição) de cozinhar com calma quase todos os dias. O meu isolamento acaba na próxima segunda-feira e estou muito feliz de ter feito essa retrospectiva e analisado a minha vida nesse contexto extraordinário que chegou de forma surpreendente e abalou o mundo todo.

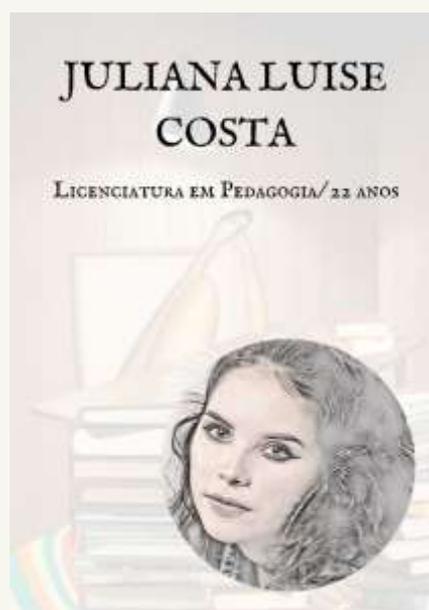
Para os que dispuserem de um tempo para ler o meu relato, só tenho a dizer que 2020 foi o ano mais desafiador e diferente da minha vida. Já que não podemos segurar a mão de ninguém, vamos nos apoiar com abraços virtuais e dizer com alegria que sobrevivemos a esse caos que tomou conta das nossas vidas. Tenho certeza que todos os que sobreviveram a esse ano, mudaram de alguma forma. Encerro o meu relato com uma frase de Boaventura de Souza Santos do livro "A Cruel Pedagogia do Vírus", que sintetiza o que acredito: *"Estou certo de que nos próximos tempos esta pandemia nos dará mais lições e de que o fará sempre de forma cruel. Se seremos capazes de aprender é por agora uma questão em aberto."*

Querido diário de quarentena,

Hoje é dia 14 de outubro de 2020, quase 7 meses desde que fomos impedidos de sair de casa, por conta de um vírus que se espalhou pelo mundo todo. Agora, eu estou bem, com uma sensação de que o pior já passou, por mais ilusória que essa sensação seja, porque aconteceu tanta coisa ruim que eu prefiro nem mencionar. É engraçado pensar que quando eu ouvi falar pela primeira vez na palavra "quarentena" pensei que seriam 40 dias e fiquei hor-ro-ri-za-da ao pensar em não ver meus amigos por "tanto tempo". É, já se passaram muito mais de 40 dias e aqui estamos nós, mais longe do que nunca. Tenho saudade de coisas bobas, tipo: ir pra Faculdade e reclamar que queria estar em casa (rs), do barulhinho de pisar no chão de madeira, de subir muuuuuuitas escadas, almoçar no RU e depois comer o docinho de 1 real que a moça vende lá na frente da Faced, olhar a vista do trânsito caótico das janelas do prédio azul, sinto falta da correria de andar no centro de Porto Alegre, de dar risada com as gurias do DAFE (Diretório Acadêmico da Faculdade de Educação), de pegar um solzinho no intervalo, de cair de sono na aula presencial... tantas coisinhas que fazem uma falta tão grande. Minha vida mudou muito nesses tempos de pandemia, se antes eu saía de casa 6h30 e voltava às 23h, hoje eu só saio de casa para o básico.

Logo eu, que sempre detestei EAD, que neguei até o último momento aparecer em *lives* ou qualquer coisa do tipo, hoje estudo e trabalho online, praticamente 24h por dia.

Algo importantíssimo na minha vida é o "Slam das Minas", movimento de competições de poesias em que participo e organizo



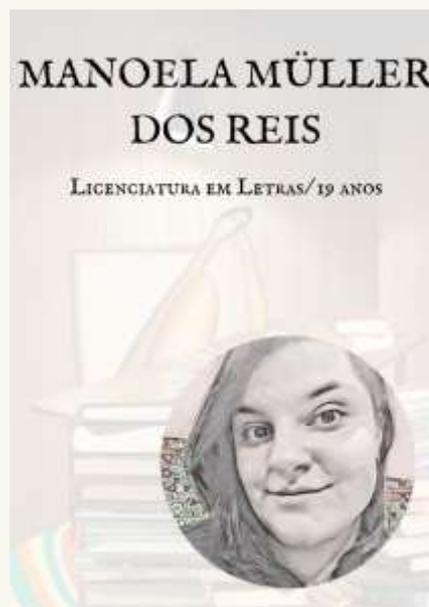
desde 2017, que acontecia sempre na rua, em espaços públicos e com aquela aglomeração que preenche a alma de alegria, que faz as ruas desses espaços vibrarem com tanta gente gritando junto nosso grito de guerra "POESIA CONTAMINA!" Tivemos que parar nossas atividades e nos transformarmos e nos redescobrimos, como tantos outros movimentos. Surgiram *ebooks*, *podcasts*, *lives*... tudo para manter acesa, nem que seja um pouquinho, essa chama que ferve em nossos corações, mas a saudade tá batendo mais forte. A verdade é que ninguém aguenta mais, o que já estava ruim conseguiu piorar em todos os sentidos. A minha ansiedade é o que mais me perturba agora, estou batendo de frente pra tentar melhorar, mas a cada dia sinto que ela me espanca, meu bruxismo piorou cem vezes, a inquietação piorou mil... me sinto como se estivesse correndo contra um relógio, um tempo que passa rápido demais, demais e demais e, ao mesmo tempo, não passa nunca. É o que mais me assombra ultimamente, essa questão de não saber até que ponto vai, a loucura de fazer tudo com o maior cuidado pra não se contaminar, a loucura de estar tomando todos os cuidados e ver quem não está não dando a mínima.

Pra não ser tão pessimista, posso dizer que aconteceram coisas boas sim, aqui em casa, por exemplo, estou cultivando plantas e flores, coisa que já queria antes, porém a falta de tempo não permitia, estou me alimentando melhor, pois tenho cozinhado quase todos os dias, estou produzindo muuuuuita arte, que é o que me mantém viva e me acolhe em todos os momentos de angústia. Tenho trabalhado com a minha solidão e estou lidando muito bem com ela porque tenho passado muitos momentos sozinha e, bem na real, tenho gostado muito! A cada dia, me descubro e me reinvento um pouquinho, tive muitos *insights* essa semana, de como dar continuidade às tarefas que já tinha e pretendo levar adiante. Isso me deu um gás para continuar, tenho feito exercícios físicos, tomado mais água e diminuído o açúcar e isso tem sido essencial, sem dúvida nenhuma são umas das coisas mais importantes que conquistei

nessa quarentena. Tenho vivido um dia de cada vez, e é sobre isso, sabe, se permitir viver um ano de incertezas, viver um ano que parece perdido, mas que pode ser sim experimentado. O jeito é resgatar forças de onde a gente nem sabe que tem e se unir com quem a gente ama, Chorão já dizia: "Resgate suas forças e se sinta bem, rompendo a sombra da própria loucura, cuide de quem corre do seu lado e quem te quer bem, essa é a coisa mais pura".

Caro Leitor,

Já faz alguns meses desde que a quarentena foi decretada e eu posso dizer com toda a certeza do mundo que eu nunca quis tanto sair de casa. Eu sempre me considerei uma pessoa mais introvertida, que preferia ficar em casa a sair, mas confirmei que eu só achava isso porque eu podia sair de casa. Agora que não posso, a única coisa que penso é em sair.



Tenho vontade de ir em um restaurante de sushi ou em uma pizzaria e sair de lá estufada, rindo com meus amigos. Tenho vontade de ir passear em algum shopping, fazer comprar ou assistir algo no cinema. Tenho vontade de comprar livros e mangás em lojas físicas. Tenho vontade de descobrir Porto Alegre, algo que eu havia prometido fazer no início do ano, mas fui atrapalhada por esse maldito coronavírus. Céus, eu tenho saudades até de ir para a faculdade às seis horas da manhã para chegar a tempo. Enfim, só valorizamos o que temos quando não temos mais. Que dramática, não?

É óbvio que eu não passo o tempo todo me remoendo de saudades. Não mesmo. Até porque esse período de isolamento não tem sido só contras para mim. Na verdade, tenho feito coisas que eu não fazia há muito tempo e sentia saudades.

Em 2015, eu comecei o primeiro ano do Ensino Médio e decidi levar minha vida escolar mais a sério. Por isso, acabei abandonando muitas das coisas que eu gostava durante minha infância e pré-adolescência. Porém, nunca deixei de gostar e de me interessar por tais coisas e, então, aproveitei esse período para voltar a me aproximar dos gêneros que me atraem.

Voltei a desenhar, embora meu traço não tenha evoluído nada em cinco anos. Voltei a assistir animes e a ler mangás e posso dizer com orgulho (e um pouquinho de vergonha) que eu estou atualmente surtando com o mangá de Boku no Hero Academia, que está cada vez mais empolgante e agoniante. Se você, leitor do futuro, não conhece essa obra, aconselho que vá procurar sobre. Vai ser a melhor coisa que irá lhe acontecer.

Eu também voltei a ler de uma forma mais calma, mas não tanto quanto eu gostaria. Isso se deve porque eu tenho estado muito cansada (o que não faz o menor sentido) durante esse isolamento, então eu leio cinco páginas e já fico morta de sono. Sim, é triste.

Claro que eu também passo tempo com a minha família. Mas às vezes prefiro manter um pouco de distância, pois cheguei à conclusão de que nesse período de quarentena nós nos revelamos um pouco. Sabe aquele grupo que se dá bem contanto que não conviva vinte e quatro horas por dia? Então, essa é a minha família. Depois de dois meses com meu pai, minha mãe, minha irmã e eu trancados dentro de casa, só faltamos nos atacar fisicamente. A maioria das brigas e desentendimentos são por motivos bobos, o que torna a situação mais ridícula ainda para mim.

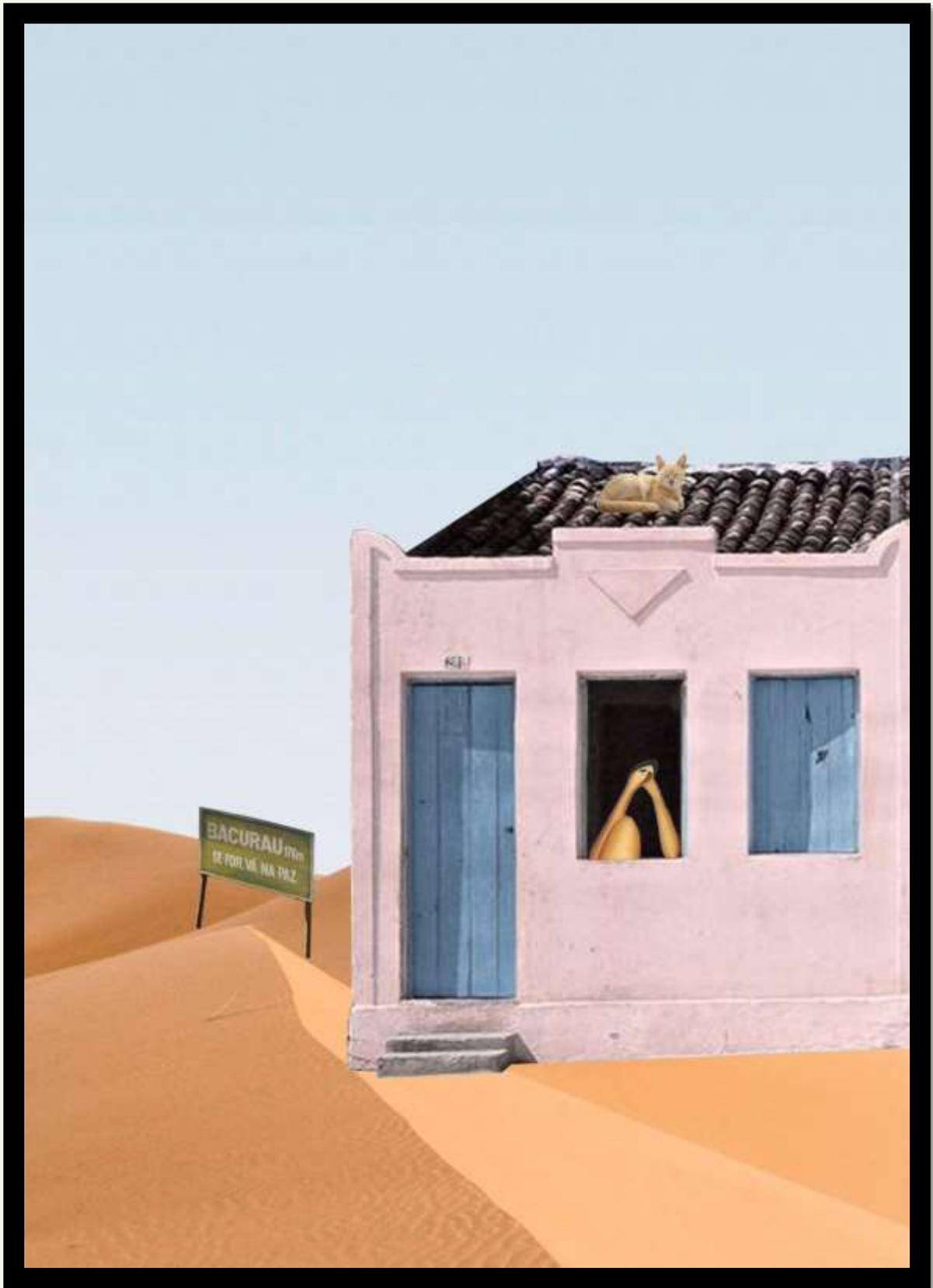
Mas nós também temos os nossos momentos de família civilizada. Brincamos com nossos animais de estimação juntos, fazemos refeições em família (que sempre acabam mal por causa de discussões sobre política e coronavírus) e assistimos filmes juntos. Todo final de semana, meu pai me ajuda a treinar a direção, pois logo tenho que tentar a prova da autoescola novamente.

Vou ter que confessar que isso é o que mais tem me deixado nervosa durante essa quarentena. Eu já me informei e me disseram que eu tenho até julho do ano que vem para passar na prova, mas tenho estado muito nervosa com isso. A paranoia de não conseguir passar é

maior que minha confiança. Caro leitor, se um dia você sofrer com isso, saiba que não é o único.

Às vezes eu me sinto mal por ser tão privilegiada. Sei que têm pessoas passando por dificuldades terríveis durante esse período, pessoas que têm de lutar para colocar comida na mesa em uma época em que as pessoas mais pensam em si mesmas do que no próximo. Isso me deixa incrivelmente triste, mas não há muito a se fazer. Eu e minha mãe fizemos doações de cestas básicas para uma comunidade carente junto com uma ONG aqui de Gravataí, mas continuo achando que não fiz muito para ajudar. Espero que essa situação acabe logo e que o país se normalize, dando uma melhor condição para essas pessoas que tanto batalham para conseguirem viver.

Querido leitor, que se prestou a ler até esse parágrafo, eu não sei quem você é. Eu não sei onde você vive ou como você vive. Eu não sei a sua idade, os seus gostos ou seus *hobbies*. Não sei se prefere gatos ou cães, se prefere inverno ou verão. Na verdade, isso não importa. Porque, não importa como você seja, eu lhe desejo apenas o melhor. Lhe desejo um futuro em que você não tenha que lidar com políticos corruptos ou doenças assassinas. Um futuro em que você não tenha que lidar com a estupidez e a arrogância. Um futuro em que você possa ser livre para ir onde lhe der na telha. Por isso, se esforce e valorize cada momento da sua vida, pois você nunca saberá quando esses momentos podem chegar a um fim.



**ABAPURU EM ISOLAMENTO**

O ano começa com grandes expectativas impostas por mim, seria um ano para realizar tantas coisas que sonhei e que não consegui realizar em 19 anos de trajetória. Após quase dois anos de tratamento contra a depressão e ansiedade, este seria o ano que me declararia por fim estável e, de certa forma, longe de tudo que havia me deixado com minha saúde mental prejudicada. 2020



começou com grandes promessas, com muito medo, mas com certeza de que grandes mudanças viriam e assim se fez, em Janeiro comecei a estagiar em uma escola de educação infantil, um grande passo em inha vida profissional, visto que minhas experiências consistiam em ter dado aulas particulares.

Então, no final de fevereiro, eu e minha família nos mudamos para uma casa nova, onde tínhamos como grande intuito começar uma vida nova, repleta de sonhos e realizações, nós havíamos trabalhado e batalhado muito por isso.

Então, março veio e começamos a acompanhar com temor cada passo da nova doença que se instalava no planeta. As duas primeiras semanas do mês foram normais, as aulas na faculdade haviam retornado e eu seguia estagiando à tarde. Lembro de chegar cansada em casa, mas muito feliz com a minha rotina e também pelos convívios cotidianos na faculdade e trabalho, mas queria um tempo a mais para aproveitar a minha casa nova. Tudo parecia correr muito bem, até que, na terceira semana do mês, o mundo parou por causa da pandemia do novo coronavírus. A ordem era ficar em casa e se, por acaso, tivéssemos que sair, eram necessárias diversas medidas de cuidados com a saúde e aqui em casa meu pai tinha que cumprir estas medidas todos os dias, pois

trabalha no Hospital de Clínicas, o que acabou nos mantendo por dentro do que acontecia e a mídia não mostrava.

Março terminou com um gosto de “isso já vai passar e logo vamos voltar ao normal”, porém abril começou como o mês que nos mostraria que a pandemia iria longe, visto que os números de casos e mortos aumentavam a cada dia, mas ainda parecia algo tão distante de nós e, ao mesmo tempo, tão perto. O início de abril foi marcado também pelas reuniões de trabalho e o acordo fechado de como se dariam as atividades na escola de educação infantil onde eu estagiava e a redução de minha bolsa auxílio, que, futuramente, veio a pesar nas contas em casa. Com os novos acertos, minha rotina mudou drasticamente, visto que, agora, eu acordo um pouco mais tarde e procuro saber quais são as demandas da escola. Enquanto tomo café, cuido da casa, acompanho a rotina da minha mãe em home office, tendo que dividir o computador com ela e acompanho o ensino remoto do meu irmão. Para que minha mãe tivesse como assumir tranquilamente as demandas de trabalho dela e que meu pai pudesse sair tranquilo para trabalhar, eu me vi com a responsabilidade de assumir a casa e conciliar com as demandas da escolinha, que, por sua vez, iniciavam de manhã e às vezes iam até o final da tarde. Para fugir a tudo isso e de certa forma me divertir, comecei gravar vídeos em uma rede social, apenas como uma forma de distração. Assim, então, terminou abril, com uma forte adaptação à nova realidade que já não tinha uma previsão de acabar ou acalmar.

Maio é um mês que eu gosto muito, por ser o mês do meu aniversário e, em meus planos, eu pretendia fazer uma pequena festa para comemorar meus 20 anos, porém, com a pandemia, infelizmente não pude comemorar como pretendia. Maio foi marcado por ter começado a sair para realizar atividade na rua, bem como também tive que ir algumas vezes à escola para a realização de cursos, atividades e auxiliar em modificações da escola, já pensando em um possível retorno.

Tudo parecia tão caótico no mundo, que eu mesma já estava com poucas esperanças de que as coisas pudessem melhorar em breve e esta falta de esperança me levou a me segurar em coisas mais sólidas, me levou a me afastar de redes sociais. Já não tinha vontade de conversar com meus amigos e foi então que via a face de fantasmas antigos retornarem a minha vida. Ansiedade e depressão pareciam estar mais próximas. Depois de muito tempo, tive medo de ter uma recaída, de novamente voltar a ter crises, foi então que percebi que era um momento de me conhecer por dentro, de novamente descobrir quem eu sou.

Para voltar a ter estabilidade, eu passei a focar muito no trabalho, era minha grande motivação para acordar todo dia, buscava realizar atividades de casa como limpar o pátio e voltar a conhecer quem eu era, do que eu gostava, o que me fazia bem, porque eu estava aqui, como eu cheguei até aqui, tudo, eu precisava voltar a compreender tudo sobre mim. E este foi meu mês de maio, no qual eu escrevi, ao final, um poema que traduz o que eu estava sentindo desde muito antes deste ano, mas que havia se intensificado no final de 2019 e em 2020.

### **Os Gritos**

Enquanto eu corria  
Corria na direção do vento  
Provando a todos o quão forte eu poderia ser

Enquanto eu corria  
Eu lutava com todas as minhas forças  
Lutava contra tudo  
Lutava contra meus demônios

Enquanto eu corria  
Sem rumo eu lutava

Quase sem forças para seguir em frente  
O vento batia e eu escutava  
Escutava as incansáveis vozes que me pediam para parar

Enquanto eu corria  
Eu lutava e escutava os gritos  
Os gritos que me imploravam para ter menos coragem  
Silenciando minha alma  
Os gritos continuavam  
Enquanto eu corria e lutava  
Enquanto eu corria e chorava.  
(Mariana Corrêa, Maio de 2020)

Junho e Julho foram meses que se complementaram e vieram para me mostrar um desgaste por parte da exploração do estágio, onde até questões da candidatura política da dona da escolinha estavam sendo destinadas a mim. Foi então que resolvi que iria procurar outro lugar para estagiar, foi assim que me candidatei para algumas vagas e, para a minha surpresa, fui chamada para uma entrevista para uma vaga de estágio em um colégio grande de Porto Alegre. Então, vi surgir uma luz no fim do túnel, voltei a ter esperança de que dias melhores estavam por vir.

Nos noticiários, acompanhava atenta cada movimentação do governo, os números tão alarmantes, vi a Covid chegando cada vez mais perto. Mesmo assim, busquei me dedicar a esta oportunidade que havia surgido, tentei dar o meu melhor nas entrevistas, testes e não me descuidava de meu trabalho atual, mesmo que ele estivesse me desgastando, ainda era algo que me fazia crescer profissionalmente e estava aprendendo muito sobre algumas questões mais burocráticas. Julho terminou com a certeza de que a vaga de estágio era minha e agora bastava esperar que as aulas nas escolas fossem liberadas para, assim, iniciar esta nova fase em minha vida.

Agosto foi um mês que não vi chegar, o que me fez perceber que, por mais que este seja um ano completamente atípico e que estamos passando grande parte dele em nossas casas, sem eventos, sem grandes acontecimentos e muitas vezes com uma rotina completamente diferente, este é um ano que está passando demasiado rápido, mesmo assim, marcado por acontecimentos fortes no Brasil e no mundo. Em agosto, acompanhei a tentativa de retomada das aulas na educação infantil, agora já com protocolos estabelecidos e muito bem firmados, bem como passei pela perda de alguém da família com Covid-19 e outras pessoas da família que contraíram a doença, mas se recuperaram com saúde. Ao mesmo tempo, tive que lidar com a volta às aulas da Faculdade, no formato ERE, tentando dar o meu melhor, mas, ao mesmo tempo, percebendo que este formato não me favorece, é como se eu não absorvesse o que aprendia e apenas realizava atividades e lia textos como um robô. Então, em um piscar de olhos, agosto passou, deixando-me atônita com a velocidade do tempo, afinal já havíamos passado da metade do ano e nos aproximávamos do fim de mais um ciclo.

Setembro iniciou com um mês promissor, mesmo com alguma uma forte decepção amorosa no decorrer do mês, eu estava bem, estava psicologicamente forte e emocionalmente estável. A curva do coronavírus finalmente começava a dar sinais de diminuição. Sendo assim, finalmente poderíamos voltar a ter esperança de que tudo melhorasse. Setembro trouxe notícias muito boas e, entre elas, a que me deu “um gás”, um ânimo para terminar este ano e esta notícia foi que, finalmente, eu começaria a estagiar no colégio para qual eu havia conseguido a vaga de estágio. Eu começaria a estagiar no dia primeiro de outubro, sendo assim, setembro foi o mês que utilizei para correr com todos os trâmites necessários, incluindo documentação, banco, exame médico e, com isso, acabou que este mês se tornou muito curto e logo se foi.

Assim, outubro iniciou com muita correria, com o meu retorno ao

trabalho presencial, com mudança de rotina e, por mais que isso pareça simples, foi muito importante para que eu conseguisse até mesmo me concentrar melhor nas questões da Faculdade, finalmente eu vi o ano se agitar novamente. Mas claro que tudo que aconteceu até eu chegar ao meu primeiro dia no estágio novo, dar mais esse passo em minha carreira, mesmo em meio a uma pandemia, teve que passar por uma tomada de decisões que partiu de mim, do que eu queria para mim e, mesmo que desafios novos pudessem me assustar de certa forma, por não me sentir tão competente às vezes, eu aceitei todas as portas que a vida abriu para mim. Então, eu escrevi um poema sobre o último ano até o presente momento.

### **Abismo**

Em frente ao abismo

Ela já não tinha saída

Era pular ou pular

De olhos vendados, ela precisava pular

Não sabia o que lhe esperava

Mas sabia tudo que havia enfrentado

Lembrava cada demônio enfrentado

Lembrava de cada anjo que havia lhe cuidado

Ela segurou sua ametista

E enfim pulou na imensidão escura

Com os olhos vendados por seus anseios

Ela pulou para o infinito

Uma luz de esperança que saía dela a envolveu

Estava entre anjos e demônios que queriam protegê-la

O futuro estava a sua frente

Ela estava livre de suas amarras do passado

Ela enfim voava livre.

(Mariana Corrêa, Setembro de 2020)

Hoje, nesta linda tarde ensolarada de outubro, enquanto descanso da minha semana de trabalho no novo colégio, me ponho a recordar, analisar e escrever sobre este ano tão estranho. Percebo o quanto cresci profissionalmente e o quanto aprendi sobre mim mesma. Este ano está sendo complicado, de desafios, mas não posso deixar de olhar o lado bom dele, pois, se não fizer isso, perco a esperança no futuro. Nesta tarde tão bela, olhando para o céu azul e para o sol que brilha com tamanha intensidade, volto a fazer planos não apenas para 2021, mas para os dois últimos meses deste ano. Eu, finalmente, volto a ter esperança de que tudo vai ficar bem e entendo que tudo que vivi foi muito importante para o meu desenvolvimento como ser humano. Posso enfim voltar acreditar no amanhã, enquanto espero pela vacina e idealizo quais obras sociais posso realizar para ajudar as pessoas.

Hoje, estou feliz pois após quase oito meses de pandemia, minha família está toda aqui, vivos. Fico muito triste por aqueles que não sobreviveram e acredito que alguma atitude deve ser tomada, a justiça deve ser feita. E assim me despeço, esperando anoitecer, fazendo planos para o amanhã.

O isolamento social começou antes da nova pandemia do coronavírus para mim.

Em outubro de 2019, fui diagnosticada com câncer de mama, a partir daí, tanta coisa mudou. Conto isso para contextualizar o que eu estava, e ainda estou vivendo quando tudo isso começou, e também fazer uma breve retrospectiva do que vinha acontecendo. Afinal, a minha vida já estava diferente, com muitos cuidados por conta da baixa imunidade, mas eu tinha uma previsão de quando poderia voltar a sair, ir ao cinema, comer um lanche na rua, ir à Faculdade. Agora, já não sei mais, assim como a grande maioria da população.



Em novembro, eu decidi que faria e pensaria somente coisas boas, pois acreditava que ajudaria no tratamento e a passar por tudo que viria pela frente, com mais leveza. A ansiedade começou a tomar conta de mim, pois queria iniciar logo o tratamento. Não conseguia me concentrar, nem parar quieta.

Em dezembro, aproveitei tudo como se fosse a última vez, não por pensar no pior, mas porque eu sabia que pelos próximos seis meses, no mínimo, eu estaria isolada. O que eu não sabia é que seriam mais de seis meses.

Em janeiro, fevereiro e março, meus passeios e saídas de casa se resumiram em ir ao hospital para consultas, exames e quimioterapia. Além do hospital, ainda fui ao mercado, uma vez por mês. E os lugares que eu mais sentia falta eram as aulas no “prédio azul”, a igreja aos domingos e de simplesmente sair pra tomar sol.

Eu estava pensando que, em março, voltaria a me exercitar e estudar, pois o médico disse que as próximas aplicações de quimioterapia seriam mais tranquilas, teriam reações mais “leves”. Ainda me lembro de perguntar se poderia ir à Faculdade e ele disse “vamos ver como tu vai estar”. A verdade é que esta medicação me deu mais reações, dores e indisposição. E aí veio a pandemia, a covid, para evidenciar a situação que eu já estava vivendo.

No dia 19 de março, quando a pandemia estourou, tive perícia médica na junta médica da UFRGS, a médica me advertiu que eu nem deveria estar ali em função das quimioterapias e do vírus que estava circulando, do qual mal se conhecia, pouco se sabia dos cuidados que deveríamos tomar.

Ao assistir o “Diário de Anne Frank”, filme e história que tivemos como motivação para essa escrita, algumas cenas me fizeram lembrar alguns momentos do meu tratamento. Como quando raspei o cabelo, olhar pra rua pela janela sem poder sair, sentir falta dos amigos. Sei que não há comparação com a guerra e com o que os refugiados viveram, com o que a Anne e a sua família passaram, mas a luta contra o câncer é uma batalha, e pior ainda em meio à pandemia, que também tem sido uma luta diária contra um inimigo invisível.

Em julho, realizei a cirurgia da mama e o esvaziamento axilar. Minha mãe vinha todos os dias ficar comigo e me auxiliar, fazendo o almoço, ajudando a me vestir e tudo o mais que eu precisasse de ajuda. Então, após 12 dias da cirurgia, ela sentiu dores fortes, foi ao pronto socorro e estava com pedra na vesícula e com a vesícula inflamada. Teve de ficar internada por 15 dias para medicação e para a realização de exames. Aí era eu em casa sozinha preocupada com ela e ela no hospital, sem poder receber visita, preocupada comigo. A distância das pessoas que amamos torna tudo mais difícil.

Mesmo com tudo isso acontecendo, tentei sempre manter o pensamento positivo e busquei fazer coisas que me dessem algum prazer, alegria ou satisfação. Eu me exercitei, estudei, li, assisti a filmes e a séries, bordei e tricotei e até tomei sol pela janela do apê. E, mesmo distante, recebi muito carinho de amigos e familiares, mensagens, ligações, vídeos, ajudas com remédios.

Agora, retomamos as aulas, no formato ERE (Educação Remota Emergencial), estou realizando as radioterapias, todos os dias pela manhã. Já me sinto mais forte, meu cabelo, sobrancelha e cílios já estão crescendo. O tratamento está mais perto do fim. Já tenho mais ânimo para falar sobre tudo isso e um desejo de ajudar outras pessoas a passarem por isso também, seja conversando, contando minha história. E, também, alertar que, mesmo com esse novo vírus que está matando muitas pessoas, precisamos seguir cuidando dos outros problemas de saúde, precisamos seguir realizando os exames periódicos e preventivos.

No início do tratamento, eu assisti a diversos vídeos de outras mulheres que passaram por esta situação e isso me ajudou a enfrentar a luta contra o câncer, e saber o que esperar do tratamento. É bom conhecer pessoas que já superaram, já venceram essa batalha. Espero pode motivar e dar ânimo a outras pessoas também, para que tenham vontade de viver e lutem por suas vidas!

Que em um futuro próximo, possamos ler as nossas histórias e pensar no que já passou, porque vai passar!

A quarentena veio para bagunçar a minha vida, na verdade a de todos. Inicialmente, parecia que eu tinha voltado para as minhas férias, eu geralmente não viajo, então, era só mais tempo dentro de casa. Contudo, aos poucos, as preocupações foram aumentando e as medidas tornaram-se mais rigorosas. Minha família toda precisou ficar em casa, seis pessoas onde todos trabalhavam e/ou

estudavam. A adaptação foi agitada, alguns continuaram a trabalhar e precisávamos de espaços para isso. Sendo assim, o escritório inacabado virou o local de trabalho do meu irmão e o quarto que divido com minha irmã tornou-se o local de trabalho dela.

Eu acordava todo dia com minha irmã iniciando as chamadas de áudio. Então, tive que encontrar formas de ocupar meu tempo. Comecei a estudar inglês e LIBRAS, tentando ser produtiva, mas a verdade é que não deu muito certo. Em algumas semanas, eu estava super bem e ativa e em outras tinha vontade de só estar na cama. Era uma briga interna constante, já que quando a quarentena começou fazia um mês que eu havia terminado o tratamento, com remédios, para depressão e ansiedade. Eu tinha medo de ter que voltar a me tratar e tinha medo da COVID-19.

Foi nesse momento que botei uma “estratégia”, eu poderia ficar mal me permitir ter esse momento, mas, ao mesmo tempo, isso não pode durar tempo demais. Então, quando eu estava bem, fazia o que a correria do dia não me permitia: ler livros, aproveitar o sol e o cantar dos pássaros de manhã, cozinhar e experimentar comidas diferentes. Só estudava se estivesse disposta e no horário que quisesse, geralmente à noite. Demorou para que me sentisse melhor e tivesse essa iniciativa,



mas foi muito bom, pois me conheci melhor e consegui ser proativa de uma forma que não conseguiria em outros tempos.

Contudo, as aulas voltaram e vieram mais desafios, já que nunca me adaptei ao ensino online. É preciso ter um foco extremo para fazer todas as atividades nos dias certos. Tenho tentado ser bem rígida para não deixar as aulas acumularem, em geral isto tem dado certo. E quando me atraso, tento compensar estudando outra coisa, pois geralmente quando não consigo terminar trabalho/atividade no tempo que gostaria é porque ele está difícil para mim.

Sim, minha quarentena tem sido um jogo de compensação, mas é isso que tem me deixado ativa e bem para continuar. O medo não passou, embora com o tempo me sinta muito melhor e nem tenho mais esperanças que passará. Em relação a quando poderemos voltar às nossas antigas vidas, prefiro nem pensar, tudo muda tanto que é muito decepcionante. A única certeza que tenho agora é que eu sou mais forte do que pensei e é a ela que vou me apegar.



## CAFÉ DO ISOLAMENTO

Meu horário ficou todo desregulado com a pandemia, como ele geralmente fica quando não tenho compromisso de acordar cedo. Sempre sinto que acordo pior quando acordo muito tarde, mas não tenho disciplina para me forçar a ir dormir num horário razoável, sem ter uma obrigação externa que me force a isso.

Comecei indo dormir num horário que agora me causa inveja, apesar de ainda ser mais tarde do que o ideal: em torno das 2h da manhã. Isso significava acordar em torno das 10h ou 11h da manhã. Agora, tenho sorte se resolvo ir dormir antes das 4h. E é resolver mesmo, não tenho insônia. Se eu resolvesse largar o computador às 2h, às 2h10min eu estaria dormindo. A maldita da falta de disciplina.

No início da tarde, eu começo a fazer as revisões de texto, seja de *freela* ou para a revista em que tenho uma bolsa. Minha atenção, como é comum hoje em dia, fica toda recortada: reviso um parágrafo, dou uma olhada no Twitter, reviso mais dois, uma olhada no meu e-mail, mais um, leio um capítulo novo de alguma *fanfiction* que foi atualizada... Isso, na verdade, não mudou. Mesmo quando eu passava as tardes na revista, com o pessoal da revista, minha capacidade de concentração já era mais ou menos essa.

Mais para o final da tarde é que costumo pegar alguma leitura ou tarefa que tenha para fazer da faculdade. Vou lendo as coisas do mesmo jeito picotado. No início do semestre, uma cadeira em específico estava exigindo uma carga bastante pesada de leituras e tarefas semanais. Nessas cinco ou seis semanas iniciais, o foco de segunda, terça e quarta era totalmente voltado para essa cadeira. Aliás, foi só agora, em outubro, que voltei a conseguir realizar as revisões da minha bolsa.



Na verdade, eu conseguiria ter começado a dar conta dessas tarefas mais cedo. Mas não abro mão de assistir seriados ou de ler *fanfiction*. Preciso dessas doses diárias de ficção desde que eu tinha 14 anos.

O lado bom do ERE é não precisar assistir certas aulas que eu sei que seriam bastante repetitivas (não te preocupa, professora, não é a tua). O lado ruim é que eu sempre aprendi muito mais só por estar em aula do que por iniciativa própria ou por leitura solitária. Aliás, para alguém que trabalha com o que eu trabalho há tanto tempo, é incrível a minha incapacidade de leitura crítica (para além do “essa frase está mal escrita e ficaria melhor de tal jeito”). Faz falta a sala de aula, o contraste da tua leitura com as dos colegas e com a orientação do professor.

O que me incomoda mais nessa quarentena é o quanto eu não consigo ficar sozinha (parece o oposto do que eu quero dizer, mas vou explicar). Moro com minha mãe, e nos damos bem, mas não ter uma tarde ou noite em que esteja só eu em casa é frustrante. Eu me fecho com a porta e com fones de ouvido, e isso ajuda, porque, na maioria dos dias, só ouvir que a televisão está ligada já é o suficiente para me irritar. Por esse lado, preciso de mais isolamento do que a quarentena me permite.

Acho que talvez seja pior para quem está “quarentenando” sozinho. Eu tenho opções para fingir que estou sozinha. Deve ser mais difícil fingir que se tem companhia.

E só hoje me caiu a ficha de que semestre que vem vai ser a mesma coisa. Mais aulas que não vou assistir, mais leituras que vou fazer sem ter um contraponto, mais isolamento que não isola o suficiente. Pelo menos vou ter as minhas séries.

Porto Alegre, 21 de setembro de 2020.

Despertei nesta manhã de início de primavera, feliz. Finalmente as flores, cuidadosamente plantadas, encheriam meu jardim com sua beleza e perfume: os amores-perfeitos, as petúnias, as rosas. Porém, subitamente, o sentimento de euforia se esvaiu. Da janela do quarto, agora convertido em escritório após a troca dos móveis, em virtude de ser peça privilegiada por adentrar raios solares por longas horas, vislumbro um dia cinzento.



Sentada diante da janela, fico a contemplar, por longos minutos, o espaço que me cerca: a pequena horta, a gata cinza no parapeito da janela, os cachorros a correr pelo pátio. Neste momento, olhando lá fora, a vida dá sinais de que segue seu curso normalmente, mas reflito que lá se vão cinquenta e seis anos de minha vida.

A mesma rotina com os afazeres da casa, talvez agora seja feita com mais calma e zelo, a pontualidade do almoço, a rega das plantas, os cuidados com o jardim. Mas por que tenho a nítida sensação que o tempo parou? Que escapou por entre meus dedos? A vida, de algum modo, escapou-me.

Já faz algum tempo que não há mais vozes em algazarra pela casa, os quartos estão vazios. Por onde andam aquelas mãozinhas ágeis e pezinhos ligeiros? E as tagarelices, as brincadeiras, em que canto desta casa insistem em se esconder?

O dia hoje está mais cinzento do que nunca, o tempo parou por conta de um inimigo invisível que nos ameaça e que nos pune. É preciso se esconder, isolar-se ou corre-se o risco de desaparecer também. Faz-se necessário esperar, esperar, esperar... e essa saudade, que só faz

aumentar?! A canção que aconselha que “é preciso saber viver”. Mas que saudades de abraçar, de compartilhar alegrias, tristezas, emoções.

É preciso encontrar alento, é preciso alimentar a esperança, fortalecer a fé e crer que o melhor está por vir e, mais do que nunca, resgatar as lembranças, as boas lembranças, e estas estão bem presentes em minha memória e muito bem guardadas em meu coração. Algo que aprendi neste período forçado de reclusão é que os sentimentos verdadeiros nos tornam mais fortes, e que o amor é o que nos mantém vivos.

Narrar-se é um desafio. O primeiro passo de uma escrita autobiográfica é colocar-se num estado não totalizante, numa espécie de devir-criança. A criança é aquela que não sabe tudo, não entende muito bem. Talvez aquele que não sabe todas as coisas formule as perguntas certas. Dar voz à pergunta, em detrimento da convicção, enriquece o percurso reflexivo. Dessa forma, coloco em suspenso as verdades acerca do eu e do tempo em que vivo e, a partir das indagações propostas para a redação desse escrito, assumo a escrita como ferramenta de intensidade, aquela que gera sensações fortes com o intuito de refletir acerca da vida. Vida essa que é incerta, sem garantias.



Não quero parecer egoísta, nem superficial, mas a pandemia pouco afetou diretamente no meu cotidiano de vida, tendo em vista que eu já ficava bastante tempo em casa estudando, ia poucas vezes à Faculdade para algumas disciplinas do Curso de Pedagogia e para as orientações da dissertação de Mestrado. Por outro lado, o estado anímico está bem abalado com os recentes acontecidos. No que tange ao aspeto econômico, a renda diminuiu bastante, mas nada que afetasse questões básicas e essenciais do dia-a-dia. A dificuldade, seja ela qual for, tem potencial pedagógico. Viver com menos é possível. Menos dinheiro e menos encontros. Não poder ir ao estádio ver meu time jogar, não ver meus amigos e frequentar o espaço da universidade tem sido doloroso, pois são essas vivências significativas que potencializam a minha vida, detalham cada instante e libertam a vida lá onde ela é prisioneira. Por outro lado, a pandemia oportunizou mais proximidade entre os familiares da minha casa, pois, como não estamos saindo de casa para as atividades do nosso cotidiano, como trabalho e estudos,

temos mais tempo para aproveitamos uns aos outros. Tempo esse que, durante toda as nossas vidas, nunca tivemos. Até por isso, em um primeiro momento, sentimentos relativos a medo e angústia têm sido bastante recorrentes. Não quero perder ninguém.

O tempo em que vivemos é aterrorizante. Talvez, menos pelo caráter letal de um vírus invisível que nos circunda e mais pelo processo de banalização da vida que estamos encarando. O SARS-CoV-2 causador do COVID-19 é um inimigo que circula livremente pelas ruas, que pode nos atacar a qualquer momento, pegar carona em nossos corpos e ser transmitido para outras pessoas, podendo causar sintomas leves, enfermidades severas e até óbito. A baixa letalidade alinhada aos discursos de produção econômica auxiliam na flexibilização da única estratégia comprovada cientificamente como mais eficiente no combate ao vírus – o isolamento social (e um kit composto por álcool em gel e máscara). Não são tanques de guerra, armas de fogo nem tampouco armas nucleares. Um kit simples de *primeiros socorros* COVID-19 e isolamento social, impulsionados por políticas públicas fortes, que garantam o bem-estar social, bem como o incentivo à pesquisa seriam suficientes para passarmos de forma tranquila por essa tempestade pandêmica. Difícil mesmo é pensar em bem-estar social durante a pandemia em um país que não garantia isso anteriormente.

Questões relativas a desemprego e acesso precário a saúde já assolavam o país. Não seria durante a pandemia que as coisas iriam melhorar. Diante desse cenário, a angústia e o medo cedem lugar ao sentimento de revolta. Revolta essa que incide diretamente no conteúdo e na forma de registro desse escrito, pois produzir é imperativo ao invés de salvar vidas.

O sentimento que mais tem aflorado no meu ser é a revolta. O acesso desenfreado à internet, a partir da figura das notícias, discussões de grupo de WhatsApp, postagens no Instagram e textões no Facebook têm me feito refletir como as pessoas estão imersas num mar paradoxal de

insegurança e convicções, quiçá eu esteja menos, pois também sou partícipe ativo dessas redes. Contudo, busco estratégias de fuga de mecanismos hegemônicos de informação, verificação de informações, bem como procuro não me deixar afetar tanto pelo que as pessoas postam em suas redes sociais por mais absurdas que certas opiniões parecem ser.

O exercício que mais tenho realizado nesses tempos pandêmicos *internetescos* é a leitura de uma determinada postagem de conteúdo duvidoso, seguido da escrita de uma resposta para esse comentário e o apagamento da minha réplica pelos seguintes fatores: a) achar que é perda de tempo, que não vale à pena; b) não ter a pretensão de mudar a forma que os outros pensam; c) gastar tempo em discussões pouco frutíferas que, de modo geral, não levam a lugar nenhum, tendo uma série de leituras e disciplinas para fazer. Não quero fazer a defesa do elitismo intelectual acadêmico, nem tampouco me posicionar como alguém que sabe mais que os outros, mas o fato é que o cenário das Fake News e a propagação de ódio estão fazendo um desserviço à sociedade e isso é extremamente cansativo, sobretudo nesse tempo triste de pandemia e isolamento social.

Além de sentir medo e angústia e estar revoltado, me sinto cansado. A internet cansa. As *lives* cansam. As aulas do ERE cansam. As discussões de internet cansam. Elas sugam a minha energia vital. Se há alguma defesa que gostaria de fazer é a defesa da vida na sua vasta pluralidade de modos de ser, estar e pensar no mundo. A minha esperança reside na possibilidade de um novo normal no pós-pandemia, tentando ser cada vez mais crítico e empático, com o intuito de colocar em prática nas relações humanas bons sentimentos. De onde tirar forças para continuar? Talvez, da possibilidade de continuar aprendendo.

18 de março de 2020

Parecia um ano comum, correria, início das atividades escolares, planos, objetivos, tudo sendo organizado para esse ano que prometia, sim prometia ser aquele ano. Porém, tudo começou a parar, o mundo não estava preparado, sim, o mundo todo, parou pelo mesmo motivo, Covid-19. Lembro que a escola que trabalho buscou diversos recursos para que não tivesse que fechar, mas, infelizmente, a decisão não era deles, e, neste dia, tivemos uma reunião. A escola já estava em silêncio, não tinha mais gritos, conversas, crianças correndo, somente os funcionários, com olhares atentos e a preocupação tomando conta. Durante uma reunião com a coordenação, tivemos a notícia que a escola iria parar por quinze dias apenas para esperar a situação se normalizar e voltar novamente. Fomos para casa, esperando um retorno breve. Na UFRGS, a mesma situação, professores cancelando aulas, e a COMGRAD, envia um e-mail da suspensão das aulas por tempo indeterminado a partir daquele dia. Sim, o que era pra ser um ano maravilhoso, transformou-se no início de um caos total, as lágrimas, angústia e medo tomaram conta do meu psicológico.



18 de abril de 2020

Para quem pensava que tudo voltaria em quinze dias, aqui estou um mês depois na mesma situação, sem ir para a aula e para o trabalho, vivendo dentro da bolha que se formou minha casa, sem data, sem expectativa, com medo até do ar, virando a louca do álcool gel, limpando tudo que entra dentro de casa, lavando roupa como nunca.

Sim, parou realmente, o que parecia ser uma situação controlada, saiu dos trilhos, e estamos todos no mesmo mar, só que em barcos diferentes, remando da maneira que podemos.

O desemprego começou, pessoas passando fome e isso que fazem somente trinta dias do caos total. Tive férias em pelo mês de abril, sim férias, todo os planos para esse ano 2020 começaram a se tornar um futuro distante, as aulas da UFRGS longe de voltar, os planos da formatura já começaram ficar somente no papel, iniciou o *home office*, nunca pensei em todos esses anos que iria trabalhar em casa. A escola teve de se adequar a essa situação num tempo muito curto, juntamente com os funcionários, procurando meios de encaixar todos nas suas propostas, sendo compreensíveis com a internet de cada um e os aparelhos que cada um possuía. Começamos um longo caminho de formações diárias, de temas que foram sugeridos muitas vezes por nós, diversidade, inclusão, racismo, atendimento psicológico, tivemos que ser fortes e nos manter unidos, agora é a hora de pensar no próximo, acredito que a humanidade está passando por isso para tirar uma lição ao final de tudo. Seguimos, na incerteza de tudo.

20 de maio de 2020

Feliz Aniversário para mim, feliz 27 anos de muitas histórias e luta. Quem me conhece, sabe como aniversário é uma data muito importante, eu amo reunir minha família e amigos, festinha, dança, decoração, é um dos dias mais felizes do ano. Sim, eu amo comemorar e esse ano tudo ficou tão diferente, o abraço foi virtual, mensagens, chamadas de vídeo, foi completamente digital a comemoração, mas me senti amada e acolhida, porém a tristeza tomava conta por não saber se no final de tudo isso eu poderia estar com todos novamente. A vida esse ano está sendo *tirada à prova*, estamos sendo peças de um jogo de xadrez e caindo um a um. Infelizmente, cada dia, a notícia de

que alguém morreu ou está muito mal, mesmo tentando controlar, o medo se faz presente, então esse ano foi mais um aniversário, uma comemoração que não aconteceu como planejado e, sem dúvidas, o que será mais lembrado, recebi o carinho dos meus colegas e da equipe da escola, um parabéns na reunião, nesse momento, mais que nunca é importante ver valor que temos na vida do outro.

10 de julho de 2020

Mais um dia comum nessa nova vida. Como gosto de desafios e acredito que tudo tem um propósito para acontecer, realizei uma prova em uma faculdade e ganhei uma bolsa de estudos para o Curso de Licenciatura em Psicopedagogia. Confesso que pensei muito antes de aceitar, era meu sonho, estava dentro dos meus planos depois de me formar na Pedagogia, realizar uma pós em Psicopedagogia, mas me dei esse direito de tentar, sabia que seria um caminho longo, complicado, cursar duas faculdades ao mesmo tempo, minha vida já era corrida, então agora iria ter que me reorganizar, mas devemos nos arriscar quando surgem objetivos que tanto buscamos, um novo ciclo se inicia, no meio de todo esse caos que estamos vivendo dia a dia, porém, lá na frente, tenho certeza que vai ter valido à pena. As incertezas, sobretudo, continuam, pessoas sendo demitidas na escola, a UFRGS tem previsão de retorno, mas nada garantido, continuamos vivendo cada dia como o último.

20 de agosto de 2020

Como já dizia Legião Urbana “É preciso amar as pessoas como se não houvesse o amanhã, porque se você parar pra pensar, na verdade não há”, essa música faz tanto sentido nesses dias, continuo não acreditando que já se passaram meses e muitas coisas ainda permanecem do mesmo jeito, a escola em *home office*, recorrendo a

formações semanais, para ajudar na parte psicológica dos educadores e também oferecendo mais conhecimento, a UFRGS voltou, sim voltou, parece que a incerteza de algo pelo acabou, porém entramos em um universo novo, forma remota, para quem estava acostumada estar no presencial, interagir com colegas e professores, ficou tudo muito novo, mas sinto que estou mais organizada, mais otimista, mas sei que vai ser um desafio. Tenho medo de perder as pessoas que fazem parte do meu convívio, parece que a morte se tornou algo normal no nosso dia a dia, as pessoas não estão mais com medo da morte e sim da vida, isso é assustador, viver está se tornando um desafio, e sinto que luto por isso todos os dias, busquei ajuda psicológica, procuro minha família com mais frequência, assim como meus amigos. Durante essa quarentena, me redescobri das melhores e piores formas, pude ler, ver um filme, tive tempo de me dar tempo, sim, eu consegui parar e descansar meu corpo e mente que vinham me dando sinais claros de uma exaustão. A escola permanece no mesmo formato, é uma angústia sem fim, vai voltar, daqui a pouco o prazo se perde novamente, minha família tentando estar longe e perto, meus amigos permanecendo mais unidos. Na escola, a incerteza e a saudade fazem parte das formações e na UFRGS, caros amigos, seguem sendo longos dias, vejo colegas que não têm tempo, que tiveram que criar formas para sustentar a família, que não conseguem ler textos e nem entregar trabalhos no prazo, vejo colegas adoecendo, cansados de uma situação que há pouco se deu início. Vejo professores desesperados, atrapalhados, grosseiros, perdidos, virou uma bola de problemas que estão todos unidos pela mesma situação. O prazo de trabalhos aumentou, porém a carga gigante juntamente, nem todos têm acesso direto à internet, muito menos aparelhos para isto, sim o ERE (ensino remoto emergencial) tem pontos positivos, podemos estudar com mais calma, os conteúdos estão sendo apresentados em formatos mais detalhados, porém a quantidade de trabalhos e avaliações apresentadas por tantas disciplinas está deixando muitos alunos em surto, eu mesma, depois de montar um mural com datas e

trabalhos, textos, provas, aulas assíncronas ou síncronas, tenho sempre o medo de esquecer algo, de não lembrar. Sim, caros leitores, a pandemia está trazendo desafios para todos nós, sigo na incerteza de tudo e com medo do amanhã, buscando manter o controle sobre as situações que me cercam, procurando cuidar de mim e do Outro para que quando tudo isso acabar possamos olhar para trás e ver que vencemos.

Segui praticamente 5 meses nessa bolha da nova vida.